

Universidade Federal do Paraná  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.  
Programa de Pós Graduação em História

“A imagem como reflexo das virtudes: o *princeps* na obra de Veleio Paterculo (século I D.C)”.

Rafaela de Sousa Trentini

Curitiba

2014

Rafaela de Sousa Trentini

“A imagem como reflexo das virtudes: o *princeps* da obra de Veleio Paterculo (século I D.C)”.

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof.Dr. Renan Frighetto.

Curitiba

2014

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanóela Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Trentini, Rafaela de Sousa

A imagem como reflexo das virtudes : o *princeps* na obra de Veleio Paterculo (século I D. C.) / Rafaela de Sousa Trentini – Curitiba, 2014.

94 f.

Orientador: Profº. Drº. Renan Frighetto

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Roma - História. 2. História antiga. 3. Literatura romana. 4. Virtudes.  
5. Veleio Paterculo, 19 A.C.- 30 D.C. I.Título.

CDD 937



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

**E-mail:** cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

### **PARECER DA BANCA EXAMINADORA**

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RAFAELA DE SOUSA TRENTINI**, intitulada: **A imagem como reflexo das virtudes: o princeps na obra de Veleio Paterculo (século I d.C.)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, vinte e quatro de março de dois mil e quatorze.

Prof. Dr. Renan Frighetto (Orientador)  
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Luis Ehrhardt (UNIOESTE)  
1º Examinador

Profa Dra Adriana Mocelim Souza Lima (PUC/PR)  
2º Examinador

*A minha vida, amada filha, minha  
Fernanda.*

*Por todo o amor, seus sorrisos , pelos  
seus abraços, suas risadas, suas palavras.  
Responsável por quem eu sou e por tudo  
o que alcancei e ainda por tudo o que  
serei.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer as minhas avós Maria Aurélia Gonçalves de Souza e a Clerie Pfaff Trentini pelo apoio incondicional ao longo de todo o difícil período do mestrado. Agradeço ao meu querido avô Odércio João Trentini pela prestatividade em ajudar, principalmente no que se refere ao complicado idioma do latim, tendo o mesmo, quando precisei, corrido atrás de dicionários e gramáticas para me ajudar a estudar e a entender as tais declinações. Ao meu avô João Pestana de Souza (*in memoriam*), meu agradecimento e meu eterno amor pelo seu exemplo de vida.

Agradeço também aos meus padrinhos Rita Maria e Arnaldo Rogério, pelo intenso incentivo aos meus estudos, a confiança e o carinho depositados em mim.

Agradeço também a todos os amigos que de alguma forma estiveram presentes nesses dois anos, ou mesmo na fase de ingresso, sempre apoiando, mesmo nas dificuldades, e dando aquele empurrão moral para que a caminhada se torne menos difícil. Obrigada pelo carinho e pela (enorme) paciência, Tays Thuiller, Sarah Barcellos, Thaise Mendes, Lígia Melo, Érica M. Cima, Anelyse Schneider, Guilherme Saccomori, Felipe de Souza, Angelita de Paula, Vanessa Fronza e Danilo Medeiros Gazzotti.

Também merecem agradecimentos meus primos Renata, Odilon, Caroline, Alexandre e Eduardo pela intensa participação em minha vida e ao incentivo dado através de suas palavras e carinhos. Mais que primos, considero-os irmãos.

Aos meus irmãos Júlio César e Paulo Sérgio Trentini pelo grande apoio dado sempre que necessário, seja com palavras de incentivo, ou mesmo com simples gestos. Amo vocês.

Um agradecimento aos meus mestres Renan Frighetto e Fátima Fernandes Frighetto. O primeiro pelos seis dedicados a minha orientação e ao encaminhamento do meu trabalho, mas também pelo companheirismo e pela boa relação aluno – orientador, a qual sempre pareceu uma orientação de amigo sábio para um outro amigo aprendiz. O professor Renan me ensinou que tudo na vida a gente pode contornar, basta ter calma e perseverança. Além, naturalmente da enorme paciência nesses últimos complicados anos. Agradeço a professora Fátima Frighetto pela importante ajuda nos momentos em que precisei, foi de fundamental importância.

Agradeço principalmente ao meu namorado Paulo Junior e companheiro desde o início da minha vida acadêmica, por todo o carinho, paciência, dedicação, amor, finais

de semana perdidos, conversas de horas sobre História, pelos estudos conjuntos, pelas discussões eternas sobre projetos e metodologias. Enfim, sem ele, essa jornada teria se tornado muito mais difícil e menos prazerosa. Ao seu lado as dificuldades foram sendo amenizadas, e assim passamos por todas juntos, como um casal deve ser.

Aos meus pais não há palavras que expressem o meu agradecimento por eles. Sem eles não haveria a mínima possibilidade de eu estar cursando uma Universidade, muito menos um Mestrado. Agradeço pelo esforço de ambos por vários anos seguidos em priorizar um estudo de qualidade a mim, ao invés de utilizarem o investimento em outras opções. A todo o carinho e amor incondicional depositado em mim, a confiança e companheirismo, mas principalmente agradeço por não me abandonarem no momento em que mais precisei deles. Também agradeço ao grande esforço em cuidar da minha pequena para que eu pudesse continuar estudando e assim tornar-me o que sou hoje. Eles são todo o meu exemplo que eu quero carregar para o resto da vida, e também que quero repassar para a minha filha. São a minha fonte de valores, meu porto seguro, enfim, meus pais são tudo para mim. Amo muito vocês Ronald Pfaff Trentini e Sandra P. de Sousa Trentini.

Por fim, o agradecimento mais especial, a uma pessoa que está aprendendo a ler as linhas em que escrevo, mas espero que um dia, quando for maior ela possa entender, principalmente as faltas cometidas. A ela, Fernanda Trentini, minha filha dedico esta dissertação por completo, pois talvez tenha sido ela que mais sentiu minha falta em sua elaboração, mas também ao longo de toda a academia. Nos momentos em que ela pedia para brincar, passear, e infelizmente eu não podia, pois algum compromisso acadêmico me impedia de passar mais tempo em sua presença. Ainda assim, ela foi a minha maior companheira nos quatro anos de faculdade e agora nos dois anos de mestrado, e é por ela que houve perseverança para que eu conseguisse terminar meus estudos. Tanto acho que ela também merece o título de mestre, pois viveu todas essas etapas, literalmente, junto de mim. Agradeço a minha filha por tudo, por todo o amor, pelos primeiros passinhos, pelas primeiras palavras, pelo carinho, pelas brincadeiras, mas principalmente pelas alegrias em que ela me proporciona a todo momento. Querida filha, isso é por nós, mas principalmente para você. Antes de você nascer eu achava que sabia o que era o amor, mas eu estava enganada, pois o amor que sinto por você não conhece nenhuma barreira e também não pode ser medido por nada. Amo você incondicionalmente, minha princesa.

*“Quanto maiores forem às dificuldades a vencer, maior será a satisfação.” Cícero*



## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>4</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O CURSO DA VIDA É BREVE, O DA GLÓRIA É ETERNO.....</b>	<b>31</b>
1.1 A virtude e a eternidade .....	31
1.2 A necessidade da virtuosidade .....	33
1.3 As virtudes como um instrumento político .....	35
1.4 A <i>virtu</i> e a sua relação com a <i>auctoritas</i> .....	39
1.5 A <i>pietas</i> , a <i>clementia</i> e a <i>iustitia</i> .....	41
1.6 A construção de uma imagem política .....	44
1.7 A relação entre a sua imagem e a sua <i>auctoritas</i> .....	52
1.8 A eternidade de um principado .....	53
<b>2. OPTIMUS PRINCEPS .....</b>	<b>58</b>
2.1 Marcus Velleius Paterculus .....	58
2.2 Imperator Dominus Mundi .....	61
2.3 A construção da imagem de Augusto na <i>História Romana</i> .....	71
2.4 A construção da imagem a partir da negatividade .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>84</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>91</b>

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar a imagem elaborada a partir das virtudes como meio legitimador do Principado Romano na pessoa de Otávio Augusto. Busca-se entender como esta imagem política influencia diretamente na *auctoritas*, ou seja, no poder exercido e conquistado pelo *princeps* junto do povo romano. Na historiografia sabe-se que não cabem generalizações. Contudo, a construção de uma imagem política utilizada pelo *princeps* buscava justificar e afirmar o seu poder tendo em vista uma nova configuração para a estrutura governativa romana, o Principado, justificando desta maneira para o povo o direito a sua *auctoritas* na tentativa de evitar, assim, contestações ao seu poder, mas sobretudo de estabelecer uma relação de seguridade no tocante a sucessão de seu poder, nesse sentido Otávio Augusto busca cercar-se de elementos legitimadores tanto em vida quanto para além de sua morte. O objetivo desta investigação consiste em compreender como a imagem elaborada de Augusto influencia diretamente na sustentação e na elaboração de sua *auctoritas*. Para isso buscamos analisar a obra de Veleio Paterculo, que tem sua maior participação durante o governo de Tibério, sucessor de Augusto, e constrói uma imagem, com o intuito de ensinar ao seu presente *princeps* como Augusto seu antecessor havia sido um exemplo de *princeps*. Como base para a pesquisa prioriza-se a análise das fontes primárias e secundárias do período e obras de historiadores que auxiliam na compreensão dos conceitos e da contextualização dos séculos I A.C e I D.C.

Palavras: *Uirtus*; *Auctoritas*; Veleio Paterculo

## ABSTRACT

The present work studies the elaborated image of the virtues that legitimate the Roman principate in the person of Octavius Augustus. We search understand how the political image influence directly in the Power exercised by the *princeps* together to Roman people. In historiography it's not allowed generalization. However, the construction of a political image its utilized to justify his Power in view of a new configuration to the structure governative roman, the Principate, justifying this way to the people the right of his *auctoritas*, avoiding contestation of his power. So Octavius Augustus surround of elements that legitimates in life and in his death. The objective of this investigation it's to understand the elaborated image of Augustus and how this influence directly in the sustentation of his power and his *auctoritas*. For this we search analyze the work of Velleius Patterculus, who has the bigger participation in the time of Tiberius, successor of Augustus, and build an image with the objective to teach the present *princeps* how Augustus had been an example of *princeps*. Based in a research that priories the analyze of the primary documents and the seconds ones of the period, and works of the historiography that helps in the comprehension of the concepts and contextualization of the I b.C and I a.C centuries.

keywords: *Uirtus*; *Auctoritas*; Velleius Patterculus.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender como, durante a Antiguidade romana, o Principado foi forjado através da construção de imagens múltiplas, neste caso em específico de Otávio Augusto, a fim de atender principalmente uma demanda social da época. Essas construções foram apresentadas ao mundo romano, em diversas formas, sob poesia épica, autobiografia e, sobretudo, a História.

“O que é a História”, é uma pergunta que historiadores vêm buscando desde que mesma foi elevada a categoria de disciplina. No entanto, será que esse conceito é pensado apenas desde os meados do século XIX? Certamente que não. Desde os tempos antigos que o homem se dedica a compreender a História, ainda que acompanhado de outros conhecimentos, a ideia de história é sempre explorada.

Podemos reconstruir a época antiga, como a de Tácito, Tucídides entre outros considerados grandes historiadores do mundo grego. Podemos também analisar a obra de Políbio, Cícero, Tito Lívio, Veleio Patérculo, Amiano Marcelino dentre muitos outros que também fizeram parte do universo romano e que tiveram uma importância ímpar na elaboração do conceito romano de história. Assim como teremos outros muitos autores que pensaram sobre o assunto ao longo do curso da História, seja na Idade Média, ou na modernidade e contemporaneidade

E assim, entendemos que este conceito é maleável em cada um de seus momentos, partindo sempre da premissa de um contexto, que subteme-se uma particularidade de ideias da época, de acontecimentos, de religiões, e também de um modo de se enxergar a vida. A História, portanto, sempre tem um olhar e um objetivo diferente em suas diversas caminhadas pela própria História.

March Bloch já definia a História como sendo a ciência que estuda o homem no tempo.<sup>1</sup> Concordamos com o conceito apresentado pelo historiador francês no sentido que busca a compreensão do homem, de sua história em seu momento específico. Há, portanto, uma diversidade muito grande na própria conceitualização de História. Os historiadores romanos, ao estilo dos gregos, buscavam fazer histórias mais amplas sobre

---

<sup>1</sup> BLOCH, March. Apologia da História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

um determinado contexto, geralmente abarcando desde o início de um determinado lugar até o dia presente do historiador em questão.

Paul Veyne define que História é tanto uma série de acontecimentos, quanto uma narração destes acontecimentos.<sup>2</sup> Já para Jacques Le Goff a história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na realidade histórica, ou puramente imaginária, pode ser uma narração histórica ou uma fábula.<sup>3</sup> Sobre a questão da memória LeGoff é bastante enfático, existem duas histórias, a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é bastante mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido dessa relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e o *mass media*, corrija essa tradicional história falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros.<sup>4</sup> O autor ainda afirma que a memória faz parte do jogo de poder, se autoriza manipulações conscientes e inconscientes, se obedece a interesses individuais e coletivos, a história tem como norma, assim como todas as ciências, a verdade.<sup>5</sup> Entendemos e utilizamos nessa análise o conceito de história e memória analisados por Veyne e Le Goff para identificar as construções feitas através das fontes sobre o momento histórico proposto.

Arnaldo Momigliano<sup>6</sup> defende a ideia de uma historiografia antiga, pois considera que na Antiguidade já havia um modo de se fazer história, peculiar ao seu momento. Ao estilo de Tucídides, um historiador político e militar, ou a história nacional<sup>7</sup> tal como fez Tito Lívio. Sendo assim este trabalho se propõe a estudar a historiografia antiga, que busca nos autores de outrora, a construção de uma imagem dos *princeps* Augusto e Tibério.

Ao escolher esse tema para pesquisar nesta dissertação, envolvemos uma série de fatores e elementos de uma trajetória própria. O trabalho com o *princeps* Otávio Augusto iniciou-se ainda no primeiro ano de graduação na Universidade Federal do Paraná, através de um laboratório de pesquisa realizado nesse período. Nesse trabalho

---

<sup>2</sup> VEYNE, Paul. APUD: LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

<sup>3</sup> LEGOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, Editora da Unicamp, 1990. Pág. 18

<sup>4</sup> LEGOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, Editora da Unicamp, 1990. Pág. 23

<sup>5</sup> LEGOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, Editora da Unicamp, 1990. Pág. 25

<sup>6</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. São Paulo. Edusc, 2004.

<sup>7</sup> O conceito de nacional não é aplicável a Antiguidade, sendo esse um conceito mais próprio do século XVIII.

começamos a pesquisar as consequências da crise republicana romana e as suas implicações no surgimento do principado, como o período foi tratado pela historiografia e também como se deu a transição destes dois regimes governativos. Sendo assim o interesse por essa área cresceu à medida que fomos encontrando uma imensidade de opções e objetos para se trabalhar em relação a este tema.

Iniciei no ano seguinte uma iniciação científica ainda pesquisando Augusto, mais especificamente a construção de sua *auctoritas* pautada nas quatro principais virtudes augustanas. *Pietas, clementia, virtus, e a iustitia*. Trabalho esse que proporcionou um maior contato com as fontes do período e com a construção romana de uma imagem individual e como a mesma influencia nas relações de poder. Nesse período também iniciei a minha participação no Núcleo de estudos Mediterrânicos (NEMED – UFPR) e do qual faço parte até os dias atuais promovendo a pesquisa sobre a antiguidade clássica romana.

No segundo ano de iniciação científica buscamos compreender como a elaboração da imagem de Otávio Augusto legitima além de sua imagem enquanto *princeps*, mas também o principado que vinha sendo elaborado pelo próprio. Trabalhamos também o conceito de propaganda política no mundo antigo e como a mesma influenciava na *auctoritas* de um indivíduo. Esse mesmo tema foi trabalhado na monografia de conclusão de curso nesta mesma instituição de ensino. Juntamente com o tema aqui abordado nessa dissertação, são aproximadamente seis anos trabalhando com o *princeps* Otávio Augusto em diversos aspectos, e agora também trabalhando com a visão do mesmo através de Veleio Paterculo e suas implicações com relação a Tibério, sucessor de Augusto.

Escolhemos trabalhar com esse tema durante o mestrado, pois, através de leituras sobre o tema, acabamos descobrindo que era um campo pouco explorado, muito embora Otávio Augusto e Tibério sejam amplamente estudados pela historiografia mundial. Entretanto, estudar a obra de Veleio Paterculo a partir da questão de ser um elemento embrionário do que viria a ser um *espelho de príncipe*<sup>8</sup> medieval, ou como preferimos definir aqui nessa dissertação, um *manual de conduta* para o *princeps*

---

<sup>8</sup> Obras elaboradas sob encomenda pelo rei, a pensadores da época a fim de que a obra pudesse estabelecer as bases de comportamento e conduta de um *príncipe* para quando o mesmo assumisse o poder do reinado e governasse de maneira satisfatória.

Tibério Augusto. Esse tema foi pouco explorado perante a historiografia mundial, e por essa razão investimos nessa questão.

Optamos também por trabalhar no Mestrado na linha de Cultura e Poder, analisando os aspectos culturais da sociedade romana e que influenciam diretamente na questão do poder. Sendo assim buscamos compreender o objeto através de análises políticas e que priorizam as fontes e documentos primários. Neste sentido não vinculo-me a nenhuma escola história em específico, mas acredito que a mais próxima desta análise seja a escola da Nova História Política proposta por René Remond, ou seja, uma história baseada nas relações múltiplas de poder. Preferimos então trabalhar com a construção das relações de poder na política romana através dos documentos.

O objeto desta pesquisa está situado em um período bastante conturbado da História Romana, onde há uma crise do sistema Republicano, por volta do século I A.C, em que o mesmo entra em declínio em favor do modelo pessoal de governo<sup>9</sup>. Iniciada antes de Júlio César, esta crise levaria a intensas disputas pelo poder entre os partidos dos *populares* (adeptos de César) e dos *optimates* (idealizadores republicanos). César acaba por ascender ao poder e caracterizar, assim, uma forma de poder pessoal auto titulando-se ditador perpétuo. No entanto, seu jogo político entre os dois partidos não foi satisfatório e o mesmo acaba sendo assassinado por uma conspiração organizada por alguns membros dos *optimates*.

Estabelece-se então um grande impasse quanto à sucessão de Júlio César: quem deveria governar? Deveria o sistema republicano voltar às suas origens? De acordo com Norma Musco Mendes em sua obra “Sistema Político do Principado<sup>10</sup>”, Roma já não estava mais preparada para restabelecer a República, pois estivera por muito tempo em mãos de uma só pessoa, e assim demandava outra forma de governo, mais característica para o seu momento, o poder personificado<sup>11</sup>.

No entanto, o impasse sobre a sucessão dera-se início com a morte de César, que os *optimates* julgavam ser o destruidor da República, portanto, deveriam chegar a um meio termo que compreendesse os dois sistemas de governo. Optou-se, assim, por um

---

<sup>9</sup> SUÁRES, Domingo Plácido. *Las formas Del poder personal: la monarquia, la realeza y la tirania*. Revista Gerión, 2007. P. 127-166.

<sup>10</sup> MENDES, Norma Musco. *Sistema Político do Principado*. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (org.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006.

<sup>11</sup> Modelo de governo onde a autoridade é associada não mais a uma instituição, como fora na República, mas sim a uma pessoa em específico, aquela que detivesse maior projeção perante a sociedade política.

novo Triunvirato<sup>12</sup>, desta vez decretada de forma oficial pelas instituições republicanas, formado por Marco Antônio (general e braço direito de César), Lépido (também general e adepto das causas republicanas) e por fim Otaviano, filho adotivo de César e beneficiário de seu testamento.

Este Triunvirato provocaria intensas disputas entre seus integrantes pelo poder de Roma, principalmente entre Marco Antônio e Otaviano. Este último, após a desistência de Lépido e a sua vitória contra Marco Antônio no Egito, torna-se o novo modelo de governo pessoal estabelecido em Roma e criado por ele próprio. Otaviano, aclamado pelas suas legiões, pelo povo romano e também pela aristocracia, ficaria conhecido como Octávio César Augusto, o primeiro “Imperador” romano.

Octávio cria um novo tipo de governo pautado no poder personificado, mas também assegurado pelas antigas tradições romanas como fachada. Contudo, para se firmar no poder, Augusto necessitava de uma *auctoritas*<sup>13</sup> que o assegura no poder, e precisava conquistá-la perante o povo romano e a sua aristocracia, mas também, e principalmente, junto ao Senado. Sem a *auctoritas* Augusto teria sido excluído do poder em pouco tempo, tal como acontecera com seu pai adotivo, César.

Para conquistar a *auctoritas*, Octávio Augusto utiliza-se de diversos elementos para elaborar uma imagem segura e confiável, mas, sobretudo, poderosa e sagrada de acordo com as tradições romanas. Essa imagem está pautada principalmente em elementos romanos provenientes de uma tradição grega, que tem como objetivo elaborar formalizar ou ainda intensificar<sup>14</sup> a imagem que se quer passar ao público. Augusto, então, fundamenta-se em virtudes que posteriormente ficariam conhecidas como *Virtudes Augustas*, mas principalmente em quatro: *virtu, clementia, pietas e iustitia*.

Augusto procura reproduzir a imagem de um homem, o *princeps* mais justo, mais piedoso, virtuoso e clemente que Roma jamais havia conhecido, e o faz através de diversos veículos propagandísticos, principalmente a literatura através de Virgílio.

---

<sup>12</sup> Instituição romana utilizada no século I A.C que dividia o poder senatorial em três personagens. O primeiro triunvirato não foi uma instituição oficializada pelo senado, mas sim um acordo de cavalheiros que dividiram o poder devido a uma necessidade momentânea devido a grande instabilidade política de seu momento. O segundo triunvirato, no entanto, foi uma instituição oficializada pelo próprio senado.

<sup>13</sup> Conceito latino que define a real influência e poder de uma determinada pessoa em seus subordinados, baseado em uma relação de confiança e respeito e não poder imposto com o uso da força, mas sim conquistado pelo indivíduo.

<sup>14</sup> GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política Y Opinión Pública: em los panegíricos latinos Del Bajo Império*. Salamanca: Universida de Salamanca, 1991.



Nesta elaboração, Augusto reforça a sua autoridade, conquistada através de diversos elementos e ações políticas, estabelecendo uma imagem de ser o indivíduo mais preparado para estar no poder. Mas, sobretudo, apresenta que foi colocado no poder pelo “povo romano”, e que devolveria o mesmo assim que Roma se recuperasse de suas crises.

Esta elaboração de sua imagem política proporciona ao *princeps* uma maior legitimação de sua *auctoritas*, ou seja, o respeito conquistado por Augusto perante os cidadãos romanos, mas também sobre o povo em geral. Esta confiança irá garantir a Augusto a soberania de Roma, inclusive pelo depósito por parte do Senado dos mais importantes títulos governativos de Roma. Esta imagem de um *princeps* virtuoso, um homem político que se preocupa com a sua população garante ao mesmo a legitimação de sua *auctoritas*.

Nesta investigação, entretanto, não será abordada a questão da plebe ou do povo em geral romano. Procuraremos trabalhar apenas com a *sociedade política*<sup>15</sup> romana, ou seja, aqueles indivíduos e grupos sociais que mais estiveram próximos ao *princeps* e que assim influenciam diretamente na *auctoritas* do mesmo, bem como suas ações de governo.

Estabeleceu-se o conceito de *sociedade política* para não limitar assim os grupos sociais atuantes na vida política do *princeps* durante o seu governo. Entende-se que por uma questão de impossibilidade de trabalhar com todos os eixos sociais romanos em apenas dois anos, esta é uma pesquisa que ultrapassa e muito a temporalidade permitida em um Mestrado. Deste modo serão destacados nesta pesquisa apenas alguns indivíduos específicos, e que faziam parte do círculo pessoal do *princeps* Augusto e como, de certa forma, influenciaram na elaboração de sua *auctoritas*. Temos como exemplo alguns pensadores de seu momento, Tito Lívio, Horácio, Ovídio e Veleio Patérculo, que tem uma maior participação na época do sucessor de Augusto, Tibério.

Procuramos trabalhar com a *sociedade política* em detrimento de outros grupos sociais que podiam, e que seria muito valioso serem trabalhados devido a uma questão prática do conjunto de fontes históricas reunidas para se trabalhar nesta pesquisa. Estas

---

<sup>15</sup> Conceito utilizado para definir parte da sociedade que participa ativamente dos assuntos relacionados à política da *urbes*. Geralmente ligada a ramos aristocráticos aos quais tem intensa participação na máquina governativa.

fontes, fundamentalmente escritas, tem um público alvo letrado e intelectualizado, participante, portanto, da nobreza leitora. As fontes escolhidas serão apresentadas logo em seguida.

A construção de uma imagem política feita por Augusto busca atingir todas as esferas sociais romanas, com diversos recursos para atingir este objetivo. Mas cada uma distinta entre si. Deste modo optou-se por trabalhar neste momento apenas com uma destas esferas, principalmente por também tratarmos de autores que faziam parte do meio aristocrático. Augusto, participante de uma casa nobre, ascende ao poder fundamentalmente através de sua descendência com Júlio César, integrante da casa dos *Iulios*, tradicional família romana. Veleio Paterculo também gozava de uma alta posição social, proveniente de uma família também aristocrática. Virgílio, entretanto, era o autor que gozava de menos prestígio e condições financeiras. O poeta, entretanto, conquista Augusto através de suas obras e poesias, e assim acaba fazendo parte do círculo pessoal do *princeps*, recebendo, inclusive a encomenda de escrever um texto épico sobre a História de Roma para o mesmo.

#### *Res Gestae Divii Augustii:*

Esta é uma das principais fontes que se usa na pesquisa, pois se trata de um documento redigido pelo próprio Octavio Augusto pouco antes de sua morte, e espalhado por vários lugares, inclusive em uma placa de bronze colocada no local de seu túmulo em Roma e também na cidade de Antioquia. O tipo desta fonte ainda é questionado por historiadores bem como os literatos, pois não há um consenso se ela é uma fonte literária, autobiográfica ou mesmo um documento de prestação de contas de todo o seu governo. Entende-se que a *Res Gestae* seja um mesclado entre as duas últimas opções, de uma obra autobiográfica que também serve de prestação de contas de seu principado, mas acredita-se que vá, além disso. É possível que ele tenha elaborado este documento também para justificar e legitimar o seu poder para assim o seu sistema perpetuar através de seus herdeiros e escolhidos. Possuo para a análise duas versões da *Res Gestae*. Utiliza-se a versão em latim/inglês publicada pela Loeb Classical Library

da University of Harvard em 1924<sup>16</sup> e também uma edição traduzida pela editora brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais - Editora UFMG<sup>17</sup> no ano de 2007.

Ao longo de todo o documento Augusto preocupam-se em repassar uma imagem positiva e legitimadora do poder que exerceu trilhando os seus passos na carreira política e demonstrando principalmente que o povo romano, acima de tudo, contribuiu para que ele estivesse ali, visto que os seus títulos foram dados pelos mesmos. Nesse sentido ele tenta estabelecer uma imagem de defensor dos ideais republicanos, bem como de um *princeps* justo.

Esta fonte demanda uma atenção especial no sentido de que é uma fonte primária e como teria sido escrita pelo próprio *princeps*, deve ser analisada de uma forma mais detalhada e com certa noção de que o documento é pessoal e demonstra as opiniões do autor. Os objetivos da mesma não são muito claros, no entanto, ao analisá-la detalhadamente, observa-se que há uma intenção de legitimação de seu poder e de uma nova maneira de se governar, imposta por ele mesmo, o Principado. Imagina-se que mesmo que não tivesse uma noção clara da dimensão e do conceito deste novo sistema, mas que o mesmo pretendia passar adiante através do seu herdeiro, buscando elaborar uma imagem segura de sua pessoa e de seu principado, transpassando então a sua *auctoritas*.

. A análise desta fonte demanda um olhar bastante atento, pois visto que o autor possuía intenções com relação à produção e a consequente publicação de seus atos de governo, as quais discutiremos neste trabalho. Ou ainda, entendendo que a imagem que ele passa é a de um *princeps* virtuoso e justo em todas as circunstâncias e assim é elaborada através de diversos mecanismos teóricos para a justificação de seu poder e de sua *auctoritas*.

Através das leituras do documento, acreditamos que Augusto tinha noção que havia criado algo novo, e que havia planejado isto desde seu ingresso na política romana, no entanto, não tinha noção da dimensão que alcançaria o Principado. Observa-se ainda na fonte que a todo o momento ele tenta se caracterizar-se como um defensor dos ideais republicanos, mas procura não afirmar que seu poder é soberano, ou ainda,

---

<sup>16</sup> AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924.

<sup>17</sup> SUETÔNIO E AUGUSTO. *A Vida e os feitos do Divino Augusto*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.

que detinha algo parecido como a *potestas* de um monarca ao estilo helenístico, mas sim a *auctoritas*, concedida a ele pelo povo, de acordo com suas palavras.

Ao longo de todo o documento ele deposita no povo a sua *auctoritas*, e que suas vitórias foram pelo povo romano, em que ele afirmava estar no poder para guiar o povo novamente à República. Ele também escreve que muitos títulos que lhe foram oferecidos, mas declinou com a intenção de evitar um acúmulo de títulos e assim assemelhar-se a um tirano, principalmente o título de Ditador, tal como seu pai adotivo Júlio César, e também o de *Pontifex Maximus*, até que o seu ocupante viesse a falecer no caso M. Lépidio,

“Atestava a inscrição do escudo que o senado e o povo romano o dava a mim pelo valor, pela clemência, pela justiça e pelo senso de dever. Depois disso, vi-me a frente de todos pela autoridade, mas nenhum poder tive a mais do que meus outros colegas também investidos de cargos.”<sup>18</sup>.

O motivo da escolha deste documento como central para este trabalho consiste no fato de que ela nos apresenta um riquíssimo aparato ideológico. Pois demonstra que o objeto principal desta pesquisa, as *virtudes* como um instrumento político, foi amplamente usado por Augusto, inclusive neste documento para estabelecer e firmar a sua imagem em um período tão conturbado e de grande necessidade de demonstração de *auctoritas*. A justificação de seu poder perante toda a sociedade também tornou-se uma questão deveras importante, pois o povo anteriormente via-se a em um regime republicano governado pelo Senado e agora esta instituição obedece a uma única pessoa, o *princeps*.

Tendo em vista o ponto já colocado esta fonte se torna essencial para o estudo de como Octavio Augusto elabora essa concepção política através das virtudes que ele mesmo apresenta nesse documento, e de como ele apresenta um *princeps* virtuoso defensor da república e da opinião romana. As duas principais virtudes a serem analisadas serão a *pietas* e a *clementia*, que também aparecem na obra

---

<sup>18</sup> AUGUSTO, Caio Otávio. *Feitos do Divino Augusto*. Belo Horizonte Editora UFMG: 2007. Tradução de Matheus Trevizam e Antônio Martinez de Rezende. Pág. 127

“Muitas vezes fiz guerras civis e externas, na terra e no mar por todo o mundo, e, vencedor, poupei todos os cidadãos que pediam clemência.”<sup>19</sup>

Eneida:

A Eneida foi uma escolha bem interessante e importante para esta pesquisa, pois trata-se de uma obra literária encomendada pelo próprio Augusto à Virgílio, o autor da mesma, a fim de legitimar o seu poder. Eneida revela-se um instrumento fundamental para esta legitimação no sentido de elaborar uma trajetória da família de Augusto, ligada a tradição mais apreciada pelos romanos, à do mito fundador, e principalmente a relação com as famílias antigas, ou seja, famílias patrícias.

Ao longo da obra, Virgílio conecta Julio César, tio e pai adotivo de Octávio Augusto a Rômulo, o primeiro Rei Romano, fundador da cidade de Roma, através da linhagem consanguínea. Só esta relação já seria suficiente para lhe trazer grande credibilidade perante a sociedade romana, no entanto Virgílio aprofunda mais esta questão. Rômulo seria descendente direto de Enéias, o famoso rapaz que consegue fugir de Tróia em meio ao ataque dos gregos, onde o príncipe Paris lhe entrega a Espada de Tróia para fundar a cidade em outro lugar, pois onde estivesse aquela Espada o povo troiano sobreviveria. Enéias, que por sua vez é descendente de Vênus, funda uma cidade na região da Península Itálica e assim estabelece-se. Sendo assim, anos mais tarde surgirá o seu descendente Rômulo que fundará a Cidade de Roma, juntamente com seu irmão Remo.

Assim estabelece uma tradição ainda maior em volta da família de Otávio, pois o mesmo descende de Vênus, Enéias e Rômulo, e ainda é filho adotivo de César, ou seja, cerca-se de elementos legitimadores para que a sua posição soberana no governo não seja contestada, muito pelo contrário, que seja ainda reverenciada pelos cidadãos como o “melhor a governar” o *optimus princeps*.

“Depois nascerá César, troiano de bela origem, que estenderá seu império até o Oceano e sua fama até os astros: seu nome de Júlio lhe vira grande Iúlio.”<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> AUGUSTO, Caio Otávio. *Feitos do Divino Augusto*. Belo Horizonte Editora UFMG: 2007. Tradução de Matheus Trevizam e Antônio Martinez de Rezende. Pág. 128

<sup>20</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Nova Cultural, 2003. Pág. 18.

Sua maior legitimidade, no entanto, consiste em estar associado a uma divindade, ou seja, Vênus, isto faria a família de Augusto, os Julios, sagrada, e lhe concederia assim a possibilidade de estabelecer-se no poder através dessa divindade. Ainda assim é interessante observar que fazendo essa comparação, ele tem a legitimidade de se tornar a autoridade máxima de Roma, tendo todo o respaldo em suas decisões, pois seriam as mesmas provenientes de um descendente dos deuses.

Esta obra, embora tenha sido encomendada por Octávio Augusto, não encontra-se seu nome mencionado diretamente, mas sim através de seu pai adotivo, César. Esta obra tem o intuito de através de uma literatura, e não de documentos, oficializar e legitimar a nova posição ocupada por Augusto, a de soberano de Roma.

Eneida será importante para a análise no sentido de buscar compreender os mecanismos que Augusto se utiliza para comprovar o seu poder, ou seja, uma propaganda política de si mesmo, através de uma obra literária baseada na fundação de Roma, criando assim um mito em torno de sua família, e, portanto, reforçando a sua ideia e a sua legitimidade.

Encontram-se boas traduções da obra Eneida, principalmente na Europa nos idiomas italiano, português e espanhol. A fonte encontra-se disponível para o público em sua língua original no site: <http://www.thelatinlibrary.com/verg.html>. Outra versão que utilizo para a análise da obra é a de José Vitoctorino Barreto Feio e de José Maria da Costa e Silva, publicada pela editora Martins Fontes em 2004. Uma boa tradução se comparada com o texto original disponível no site mencionado. Utilizo também a tradução de Tassilo Orpheu Spalding pela editora Nova Cultural em 2003.

#### História Romana:

A fonte mais importante para esta análise é a obra de Veleio Paterculo, intitulada História, que busca contar a história de Roma, mas sempre frisando que ela caminhava para chegar a seu auge, ou seja, na época de Augusto. Sabe-se que Paterculo frequentava o círculo de amigos do *princeps*, embora tenha tido uma maior participação política na época de seu sucessor, Tibério, filho adotivo de Otávio Augusto, e que essa obra foi uma encomenda ainda em vida de Otávio, mas terminada apenas após a sua morte. A obra, portanto, não tem caráter imediato, a elaboração de sua imagem não terá uma efetividade durante o governo de Otávio, entretanto, será

utilizada para elaborar e immortalizar a sua imagem perante os outros *princeps* que o seguiriam, principalmente o filho adotivo do próprio Augusto, Tibério.

Ao longo de sua obra, o autor busca enaltecer Otávio Augusto de várias maneiras em sua narrativa. Paterculo em toda a narrativa opina sobre os assuntos aos quais está escrevendo, citando, inclusive, o nome de Tibério e com quais práticas o mesmo não concorda. Sua opinião política é bem definida em sua obra, pendendo sempre para o lado dos *princeps*, que apesar de estar em outro regime, ainda, segundo a imagem que o autor elabora. Pretende assim proteger, os ideais republicanos.

Escolhemos essa fonte para prosseguirmos com a análise, pois ela nos indica vários aspectos sobre como a imagem de Augusto é construída e utilizada ainda mesmo após a sua morte. Neste caso em específico acreditamos que Paterculo constrói a imagem de Augusto para exemplificar através de uma História oficial para o sucessor do mesmo, Tibério, trazendo assim um espelho baseado no passado sobre qual a melhor maneira de se governar, visto a dificuldade enfrentada em seu governo. Paterculo também utiliza o exemplo negativo, ou seja, aquele que Tibério não deveria seguir Marco Antônio, sendo considerado uma pessoa de péssimo caráter, ainda que um ótimo general.

Sendo assim podemos perceber três tipos diferentes de fontes históricas, a primeira, obra de Otávio Augusto, é um tipo característico de relato sobre os seus atos de governo, ao qual o mesmo irá apresentar tudo o que fez durante a sua vida, indicando que toda a sua *auctoritas* provém do povo, e a isso ele está se referindo tanto a plebe quanto a *sociedade política*. Apresenta assim como sendo um indivíduo virtuoso, deixando claro que através de suas virtudes que seu poder estava justificado. Também se analisa uma obra de cunho historiográfico, a qual apresentada por Paterculo, e por fim uma obra literária de gênero épico escrita por Virgílio.

Neste sentido minha problemática consiste em compreender o porquê Veleio Paterculo viu a necessidade de elaborar uma obra, ainda que essa fosse financiada, construindo a imagem de um *princeps* ideal, e utilizando os exemplos passados, principalmente o de Otávio Augusto? Como ele constrói essas imagens a fim de que o exemplo fosse perpetuado perante o imaginário romano seguindo então de modelo tanto a Tibério como aos outros *princeps* e imperadores posteriores?

## Referencial Teórico

Nesta análise utilizamos autores que fundamentalmente estudam ou estudaram o mundo romano, ou seja, que estão mais adequados ao contexto específico estudado neste trabalho. Os referenciais teóricos aqui apresentados não estão selecionados apenas por apresentarem um conceito mais amplo, e que fora utilizado para compreender outro contexto, e assim aplicável a qualquer tempo histórico. Buscamos então trabalhar, em sua maioria, com aqueles autores que estudam a Antiguidade.

Arnaldo Momigliano e Manuel Gervás contribuem para analisar o mundo antigo, as origens e transformações da cultura clássica, e também a importância da singularidade de conceitos pertinentes à própria história antiga, e que, portanto não podem ser confundidos ou comparados com conceitos similares modernos. Analisando a História Antiga de um modo particular e não ligada a ideias e visões modernas sobre a antiguidade.

Momigliano contribui para esta análise apresentando de forma sintética e objetiva a questão da historiografia do mundo clássico, os seus conceitos e definições a respeito do mundo antigo, mas principalmente sobre como o Historiador da Antiguidade deve trabalhar com as fontes deste período. O autor proveniente de meados do século XX foi o protagonista de intensos debates com outros historiadores sobre os métodos de análise das fontes historiográficas. Em seu momento alguns historiadores indicavam que as fontes seriam elementos secundários numa investigação, e que o importante realmente seriam as interpretações sobre determinados fatos históricos e que as fontes serviriam para auxiliar o seu desenvolvimento. Momigliano contraria esta afirmação de seu momento levantando a ideia de que as fontes deveriam ser o elemento principal das análises, e é a partir delas que devem surgir as interpretações, e não o contrário. O autor foi muito criticado em seu momento, imaginando-se que Momigliano estava tentando aplicar valores positivistas do século XIX. Entretanto, o mesmo afirmava que as fontes teriam papel principal nas análises, mas que suas interpretações teriam também papel fundamental para fugir da história factual e passar a compreender os fatos históricos de acordo com o seu momento específico, buscando entender a subjetividade do historiador, mas também tentando entender os pensamentos dos diferentes contextos.

É nesta questão que me apoio em Momigliano, pois o período de análise desta investigação é muito recuado na História, de forma que procuramos analisar as fontes



tentando separar conceitos antigos já modificados no decorrer da História até os dias de hoje a exemplo de estado e nação, que são conceitos pertinentes à modernidade, mas não ao mundo clássico. Não há possibilidades, portanto de generalização de conceitos quando se trata de analisar a antiguidade. A metodologia que Momigliano inspirou para esse trabalho auxilia para um olhar mais atento para as fontes, pois elas devem ter o papel principal nas análises, contando com o auxílio de interpretações sobre o tema de autores que já o pesquisaram.

Manuel Gervás contribui em relação à análise do meu período histórico e do meu objeto afirmando que as virtudes elaboram e fortalecem os regimes políticos do mundo antigo, no caso o Império e o Principado Romano. Sendo assim, o autor dedica-se a análise das virtudes como elementos sustentabilizadores da imagem de seus governantes, é este pressuposto que norteia como referencial nesta investigação. Gervás analisa intensamente as virtudes, e procura da mesma forma apresentar como elemento mais importante da investigação as fontes históricas, e também identificar os conceitos.

Pierre Grimal, historiador marxista da metade do século XX, contribui para entender a relação da cultura e a política no século específico sobre Augusto. A definição de Grimal sobre o que seria o famoso “Século de Augusto”, para ele refere-se não ao período de vida deste personagem, mas sim ao período de influência direta nas artes e na política, que consolidará o Principado Romano. Deste modo, serão utilizadas nesta análise as convicções que Grimal apresenta sobre a cultura estar diretamente ligada com a política para a consolidação de seu novo sistema político.

Para analisar este objeto, dispõe-se de diversos autores que contribuem com suas obras para a pesquisa aqui proposta. Em sua maioria, autores europeus, mas também disponho de uma literatura nacional que proporciona intensos debates.

Início desta forma, comentando sobre um dos principais autores desta investigação, Arnaldo Momigliano, historiador italiano de meados do século XX, estudioso do mundo antigo, principalmente da história judaica e também do mundo grego. Utilizo em minha pesquisa duas de suas obras. Em primeiro lugar, utilizo como referencial teórico a obra “As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna”<sup>21</sup> ao qual o autor propõe uma intensa discussão sobre a trajetória da historiografia, quais os

---

<sup>21</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. São Paulo. Edusc, 2004.

elementos clássicos que continuam a aparecer na historiografia moderna bem como sobre a transformação de conceitos.

Em segundo lugar, outra obra de Momigliano que atenta mais para o objeto proposto. Nesta investigação, intitulada “Os Limites da Helenização”<sup>22</sup>, trata sobre o Mundo Antigo pré Pompeu e sobre como serão articuladas as questões políticas entre gregos, judeus e romanos, mas principalmente, qual será o papel da helenização<sup>23</sup> neste contexto. Segundo o autor, as tradições romanas estão intensamente ligadas ao helenismo, tendo uma vez incorporado tais fundamentos ao conquistar a Grécia e agregar diversos de seus pensadores e propagandísticos do helenismo a sua própria cultura.

Como apoio a pesquisa também utilizo autores clássicos sobre o Mundo Romano. Mikhael Rostovtzeef, em sua obra “História de Roma”<sup>24</sup>, o autor procura relatar a história de uma maneira mais factual, (característica do período do autor, correspondente ao começo do século XX) a História Romana, que vai desde a sua formação ao declínio de Roma. Sobre a parte relativa a Augusto, o autor descreve em grande parte os seus feitos militares e a restauração dos interesses das classes dominantes. Rostovtzeef, portanto, é analisado com muita cautela, pois se utiliza de conceitos pertinentes ao seu momento histórico, mas que não condizem com a realidade romana do século I a.C.

Moses Finley também contribui para a pesquisa, com “História Antiga”<sup>25</sup>, apresentando diversas fontes historiográficas em sua tese, que proporcionam uma compreensão sobre como deve ser a prática do historiador no manuseio e na análise dos testemunhos históricos, pois se tratam de testemunhos carregados de subjetividade e que, portanto, estão sempre em transformação. O autor atribui maior ênfase nas histórias gregas e romanas, bem como apresentando diversas fontes sobre as mesmas.

Conto ainda com a contribuição de Paul Petit, historiador francês e um grande nome no estudo sobre a História Econômica de Roma, com a obra “A Paz Romana”<sup>26</sup>. Apesar da ênfase do autor ser correlata à economia, ele contribui com diversas e

---

<sup>22</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1991.

<sup>23</sup> Conceito defendido pelo autor para definir a difusão do modo de vida Helenístico a outros povos.

<sup>24</sup> ROSTOVTZEEF, Mikhael. *História de Roma*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1973.

<sup>25</sup> FINLEY, Moses. *História Antiga*. São Paulo. Martins Fontes, 1994.

<sup>26</sup> PETIT, Paul. *A Paz Romana*. São Paulo. Edusp, 1989.

importantes análises sobre o contexto vivido por Augusto, principalmente no que se refere a questões como a administração do principado no seu início, sobre como se dará o culto religioso a Augusto, mas também, aos seus sucessores, como são organizados os exércitos e quais as suas funções relativas à proteção dos *limes*<sup>27</sup>. O autor nos trás também diversas fontes em sua obra que contribuem para uma ampliação do conhecimento do contexto vivido pelo personagem estudado nesta investigação.

Outro autor utilizado trata-se de Domingos Plácido Suarez com o artigo publicado na revista espanhola *Gerión* “Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía”<sup>28</sup>. Neste artigo, Suáres define as características do poder pessoal em determinadas formas de governo, principalmente definindo o que seria considerado tirania no mundo antigo. Tirania<sup>29</sup>, segundo o autor, é todo governo que se apoia no povo de forma persuasiva a fim de obter legitimidade através da força. Este autor terá grande importância nesta investigação, pois Augusto, em suas fontes, procura afastar-se de uma imagem de um tirano, respaldando-se sempre na República. Contudo, na prática, observa-se que ele agiu de forma tirânica, na definição antiga da palavra, que significa apenas ser o único soberano apoiado no povo, e não de uma forma opressiva que posteriormente levaria esse significado. Suáres então nos serve de base para definir diversos conceitos que encontramos nas fontes históricas deste período.

Maria Helena da Rocha Pereira, historiadora portuguesa, contribui nesta investigação com a apresentação de diversos conceitos do mundo antigo, que nos ajudam a perceber, da mesma forma que Suáres, a diferença de significados que os conceitos antigos têm dos de nosso tempo, incluindo os conceitos de virtudes que estão apresentados na tabela em anexo: Pereira em sua obra “Estudos de História da Cultura Clássica”<sup>30</sup> apresenta diversos conceitos principalmente gregos e romanos como Democracia, República, Monarquia, Senado, tirania, enfim diversos conceitos que ajudam a compreender as fontes históricas analisadas nesta investigação. Também apresenta uma breve biografia e uma síntese dos pensamentos de Cícero, senador

---

<sup>27</sup> Regiões fronteiriças do Império Romano.

<sup>28</sup> SUÁRES, Domingo Plácido. *Las formas Del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía*. Revista *Gerión*, 2007. P. 127-166.

<sup>29</sup> SUÁRES, Domingo Plácido. *Las formas Del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía*. Revista *Gerión*, 2007. P. 127

<sup>30</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

romano do período analisado que participa intensamente da vida política e dos acontecimentos da transição da República para o Principado.

Claude Nicolet é utilizado nesta investigação para compreender o homem romano, o ser político que age diretamente nos acontecimentos e nos ideais de Roma. Em seu capítulo da obra de Andrea Giardina<sup>31</sup>, o autor analisa a questão do cidadão romano, abordando temas como quem tinha direito a ser cidadão e quem não tinha, qual era a implicação de ser cidadão romano. Mas analisa, principalmente, a questão do ser político em Roma, quais as suas participações, obrigações e lugar na política republicana e imperial.

Manuel Gervás é um dos autores mais importantes para esta investigação com sua obra “Propaganda Política y Opinión Pública en los Panegiricos Latinos del Bajo Império”<sup>32</sup> pois define conceitos importantes para esta análise. O autor define, principalmente, o que são as Virtudes para o mundo antigo e qual a sua utilização direta na questão da Propaganda Política romana imperial. Para o autor, a prática das virtudes é proveniente do Mundo Grego, principalmente com Aristóteles, mas que será amplamente utilizado em Roma. Para Gervás, as virtudes tem a função de “elaborar, formalizar e intensificar la imagem imperial con el objetivo básico de crear una estructura política unitária.”<sup>33</sup> Tendo isto em vista, Gervás contribui para entender quais os objetivos da propaganda política que Augusto fará de si mesmo. Gervás também faz uma explanação sobre as quarenta virtudes Augustas, mas define como as principais utilizadas pelo *princeps*: *virtu*, *pietas*, *clementia* e *iustitia*.

Howard Hayes Scullard também é inserido neste trabalho, sendo autor da metade do século XX. Seu livro “From the Gracchi to Nero” em principio pode parecer um manual de informações sobre o momento final da República ao início do Principado. Entretanto, o autor traz abordagens diferenciadas além de apenas informações. Um exemplo disso e com uma grande contribuição para esta pesquisa, é que o autor procura definir e delimitar a aristocracia do momento pertinente a esta análise, o início do Principado, bem como participa da política de seu momento.

---

<sup>31</sup> NICOLET, Claude. *El ciudadano y El político*. In: GIARDINA, Andrea. *El hombre romano*. Madrid: Alianza Editorial, s/d

<sup>32</sup> GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política y Opinión Pública en los Panegiricos Latinos del Bajo Império*. Salamanca. Universidade de Salamanca, 1991.

<sup>33</sup> GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política y Opinión Pública en los Panegiricos Latinos del Bajo Império*. Salamanca. Universidade de Salamanca, 1991. Pág. 77

Outra análise vinda de Scullard, e bastante importante, é sobre como Otávio consegue consolidar-se no poder, trazendo diversas informações de caráter indispensável, principalmente no que se refere aos autores e poetas que rodeavam o círculo de Augusto. O autor trata principalmente de Virgílio, Horácio e Lívio, e sobre como os mesmos além de amigos, eram financiados pelo *princeps*, e sendo assim, suas obras estão voltadas para enaltecê-lo. Scullard ainda traz outros autores, ainda que de forma menos intensa, no mesmo período de Augusto.

Outro autor considerado clássico e que contribui para esta análise trata-se de Theodore Mommsen, que publica sua obra “História de Roma” ainda na primeira metade do século XX. Mommsen, como característico de seu momento escreve uma História bastante tradicionalista de Roma, sendo assim, bastante característico de um manual, o autor apresenta diversas informações de um caráter bastante factual, entretanto sem muita análise sobre as mesmas. Ainda assim o autor apresenta muitas informações relevantes sobre o período, que permitem compreender o contexto em específico da formação do principado. Entretanto, o autor não define o período dessa forma, Mommsen afirma que a morte de César ao invés de restaurar a República, acabou liquidando-a completamente. Desta forma, esta obra será usada mais como uma obra contextual.

Também será inserida a análise do filólogo Richard Thomas, que formado em Letras Clássicas busca analisar a obra de Virgílio e o contexto de produção da obra *Eneida*. O título de sua obra é “*Virgil and the Augustan reception*”, e nela o autor busca compreender os motivos que levaram Virgílio a escrever a sua obra. O autor também foca na recepção desta obra, o que para esta pesquisa que desenvolvemos tem caráter essencial, entender como a obra foi recebida e como ela contribui para a *auctoritas* de Otávio Augusto. Entretanto, esta obra também deve ser analisada com cautela, pois o autor carrega sua análise de juízos de valores, principalmente no que se refere ao próprio *princeps*, a quem define de “oportunista”, entre outros adjetivos. Ainda assim a análise do autor é bastante relevante, pois estabelece um paralelo entre Augusto e Virgílio, a relação de ambos antes e depois do principado, bem como dos objetivos da obra. Sendo assim o autor traz uma definição característica, o “Virgílio Augustano”, e compara as obras do autor para comprovar isso, como por exemplo, na obra “Geórgicas” Virgílio tem um tipo de escrita específico, mais crítica ao seu contexto

específico, enquanto que na Eneida, encomendada pelo *princeps*, seu estilo de escrita é outro, mais voltado para enaltecer do que para criticar.

A partir de agora, apresento os autores brasileiros que contribuem para esta investigação. Primeiramente, Maria Luiza Corassin foi uma autora de importância ímpar nesta pesquisa para ajudar a compreender o principal documento histórico analisado, a obra do próprio Augusto “*Res Gestae Divi Augusti*”. Corassin em seu artigo intitulado “Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*”<sup>34</sup> apresenta as características do documento, principalmente quanto a sua tipologia. Mas também, nos proporciona diversas interpretações sobre o documento, a própria a define como “um retrato idealizado de seu autor”, ou seja, Augusto idealiza-se a si mesmo neste documento, no entanto, segundo a autora, não se trata de um relato pessoal, mas sim de seus feitos políticos e de sua imagem política.

Utilizo ainda Norma Musco Mendes, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora que dedica seus trabalhos na linha de História Comparada, a qual utilizo duas de suas obras. A primeira relaciona-se ao texto intitulado “O Sistema Político do Principado”<sup>35</sup>, a qual apresenta o quadro político da transição da República para o Principado Romano, bem como, a participação das Elites Romanas nesse momento. Seu trabalho é importante, sobretudo, no sentido de que ela aponta alguns elementos que possibilitam estabelecer a base de minha análise, afirmando que Augusto elabora uma imagem política segura, e que esta serviria para não colocá-lo em uma posição de tirano. Seu objeto principal não é analisar a questão das virtudes e a relação com a *auctoritas* de Augusto.

Outra obra de Mendes que utilizo é seu livro “Sistema Político do Império Romano do Ocidente: Um modelo de Colapso”<sup>36</sup>. A autora apresenta como as estruturas romanas, principalmente as do Baixo Império culminam em uma derrocada desse sistema político. Para isso ela retoma o início do Império, período conhecido também como Principado para analisar como o sistema político imperial foi observado como exemplo na época de Augusto e como ele irá decaindo ao longo dos séculos e das práticas adotadas pelo regime imperial.

---

<sup>34</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY. Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.

<sup>35</sup> MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (orgs.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006.

<sup>36</sup> MENDES, Norma Musco. *Sistema Político do Império Romano do Ocidente: Um modelo de Colapso*. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

Renan Frighetto, professor adjunto da Universidade Federal do Paraná, é também um autor que contribui para esta investigação com suas obras: “Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental”<sup>37</sup>, e o artigo “O Rei e a Lei na *Hispania Visigoda*: Os limites da Autoridade Régia segundo a *Lex Visigothorum, II, I – 8I* de Recesvinto (652-670)”<sup>38</sup>. Através destes artigos, se pode identificar questões que, embora o tema da pesquisa em questão não esteja relacionado diretamente com a Antiguidade Tardia, observa-se elementos e conceitos semelhantes e transformados. O Império<sup>39</sup>, para Frighetto, começa no momento em que a sucessão hereditária se inicia com o Imperador Marco Aurélio escolhendo como seu sucessor seu filho Cômodo em 180 d.C. A prática da *adoptio* exercida ao longo de todo o principado é deixada de lado para dar lugar à prática da sucessão hereditária. É nesse momento também que Frighetto entende como o início da Antiguidade Tardia. Concordamos então com o conceito de Império abordado por Frighetto, indicando que o período analisado neste trabalho trata-se de um Principado e não, portanto, de um Império.

Outro autor bastante utilizado em minhas pesquisas é Thiago David Stadler, em sua defesa de Mestrado pelo programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal do Paraná, denominada *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*<sup>40</sup>. A obra de Stadler contribui para entender a conceitualização das virtudes e o seu uso político na Antiguidade Clássica Romana, mais especificamente no período do Principado. Stadler trabalha com um Imperador pouco posterior ao meu, no entanto, as Virtudes Augustas continuam sendo retomadas na época de Trajano (Imperador analisado pelo autor), através de Plínio, o Jovem, governador de Província, e que através de cartas trocadas com Trajano, constrói a imagem de um *princeps* perfeito e virtuoso, exemplo a ser seguido. Nesta elaboração da imagem ideal, Stadler observa que muitas vezes Augusto será retomado para reforçar esta ideia. Neste sentido, Stadler faz uma interessante análise sobre as virtudes neste momento específico, buscando em épocas anteriores,

---

<sup>37</sup> FRIGHETTO, Renan. *Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental*. Curitiba, Juruá Editora 2002.

<sup>38</sup> FRIGHETTO, Renan. O Rei e a Lei na *Hispania Visigoda*: Os limites da Autoridade Régia segundo a *Lex Visigothorum, II, I – 8I* de Recesvinto (652-670)<sup>38</sup> In: GUIMARÃES, Marcella Lopes e FRIGHETTO, Renan. *Instituições Poderes e Jurisdições I Seminário Argentina- Brasil – Chile de História Antiga e Medieval*. Curitiba, Editora Juruá, 2007.

<sup>39</sup> Império, poder centralizado em uma só figura, sendo relacionado ao poder pessoal, sendo esse a centralidade da esfera política.

<sup>40</sup> STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

como por exemplo, nos gregos, o conceito de virtudes e como estas serão modificadas ao longo do tempo. Como passam de um conceito grego para um conceito aplicado romano, buscando inclusive a natureza e a essência da virtude. Este trabalho de Thiago Stadler me possibilitou então uma grande interpretação de como entender as fontes em sua essência e qual é o seu uso político na Antiguidade Clássica.

Marcos Ehrhardt<sup>41</sup> contribui para esta análise no sentido de compreendermos como a imagem de Augusto é utilizada na posterioridade como um referencial idealizado de um *optimus princeps*, a partir de Sêneca e a sua relação com o imperador Nero.

Sendo assim no primeiro capítulo deste trabalho iremos abordar a questão das virtudes políticas no contexto de Augusto, bem como a sua utilização, conceitualização e aplicação das mesmas. Neste sentido, abordaremos como Augusto utiliza-se destas virtudes a fim de construir uma imagem positiva de sua pessoa e seu governo a fim de legitimar a sua *auctoritas* ainda em vida, mas também de que ela tenha uma continuidade através de seus sucessores.

No segundo capítulo abordaremos a questão mais específica sobre Veleio Paterculo e a sua obra História Romana. Buscamos entender como o autor constrói a imagem de Augusto após a sua morte e para quais fins elabora essa mesma obra. Acreditamos, como já foi dito nesta introdução, que o objetivo da obra consista em legitimar o passado através da elaboração de uma história oficial, visando, principalmente ensinar ao *princeps* Tibério o exemplo positivo e o exemplo negativo de se governar Roma, referindo-se a Augusto e Marco Antônio respectivamente.

---

<sup>41</sup> Ehrhardt, Marcos Luis. *O arquiteto social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da Historia Magistra Vitae*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2008.



## 1. “O CURSO DA VIDA É BREVE O DA GLÓRIA É ETERNO” (Cic.,Sest.,21,47)

### 1.1 A Virtude e a eternidade

As virtudes no mundo antigo tinham por objetivo, segundo Manuel Gervás “Las virtudes tenían pues, la función de elaborar, formalizar y intensificar la imagen imperial com el objetivo básico de crear una estructura política unitária”<sup>42</sup>. Ou seja, de intensificar e de elaborar a imagem imperial, bem como de estruturar a política que se baseia no governo de uma pessoa só. Em suma, tem o objetivo de fortificar a imagem de um governo que procura se estabelecer perante a sociedade. No entanto as virtudes também podem ser entendidas como mecanismos de projeções para a eternidade de determinados indivíduos. Só se torna imortal, aquele que ao longo da vida conquistou suas glórias, sendo assim, as mesmas serão levadas a eternidade.

Observando o caso de Otávio Augusto, segundo<sup>43</sup> *princeps* romano, podemos perceber que Cícero estava correto, as glórias são levadas a eternidade exaltando assim, os indivíduos que a conquistaram. Augusto foi conhecido como o “Imperador” mais virtuoso ao longo de dois milênios após a sua morte. Em seu documento escrito, deixado por ele próprio a *Res Gestae Divii Augustii*, o mesmo expõe as suas virtudes, sempre exaltando a si mesmo. Esta propaganda pessoal contribui para que sua imagem fosse perpetuada ao longo de todo o Império Romano, sendo o mesmo visto como o modelo ideal de *princeps* a ser seguido por seus posteriores, inclusive após a queda do Império, como por exemplo, nas Monarquias Visigodas, no Império Carolíngio e ainda nas monarquias modernas.

Percebendo então que as “Virtudes Augustas”<sup>44</sup> contribuíram para a consolidação de uma imagem segura e forte de Octavio Augusto resta-nos entender como, efetivamente elas foram construídas e elaboradas no contexto específico de transição de uma República para um Principado Romano e quais as suas origens fundamentalmente.

---

<sup>42</sup> GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política Y Opinión Pública: em los panegíricos latinos Del Bajo Império*. Salamanca: Universida de Salamanca, 1991. Pág. 77

<sup>43</sup> Sendo o primeiro *princeps* o triúnviro Pompeu.

<sup>44</sup> Virtudes atribuídas a Augusto através do Senado quando mandara celebrar no escudo de ouro que dedicou ao *princeps*. Informações extraídas da obra de PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos da História Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. s/d

As virtudes ou *uirtus* já vinham sendo cultuadas muito tempo antes de Augusto usá-las como mecanismos de fortalecimento do poder. Esta tradição era fundamentalmente grega e helenística, o reconhecimento de um indivíduo através de suas virtudes, e assim ser considerado apto através das mesmas a determinadas funções. Temos como um exemplo bem claro desta tradição helenística dois grandes personagens que servirão de exemplo para o governo de Augusto, sendo eles Alexandre, o Grande e Aristóteles, seu mentor pessoal mencionados pelo próprio *princeps* em sua *Res Gestae*.

Por virtude, entende-se neste estudo um elemento do imaginário social que é capaz de transformar e moldar indivíduos, ideias, instituições, desde que sejam postos em relação a algo, em contraposição a alguma coisa, e nunca isolados.<sup>45</sup> Estas virtudes são provenientes de uma tradição helênica, que atribuem assim um significado de moralidade ao indivíduo. É sabido que o mundo romano sofre grande influência da tradição grega, e assim acabaram incorporando esta tradição da *virtuosidade*. No entanto, a ideia de *virtu* (*uirtú*) foi adaptada para o próprio contexto específico romano, onde teria um caráter mais prático, voltado para questões políticas, enquanto que no contexto grego teria um caráter mais filosófico.

O exemplo mais claro desta readaptação das virtudes ao modo romano, são as principais virtudes da filosofia grega – coragem, moderação, justiça e a sabedoria – e as quatro virtudes Augustas – *uirtus, pietas, clementia e iustitia*. Há uma aproximação também da ideias grega de *aristói* (o melhor) com a construção do homem virtuoso romano, no sentido de uma construção da excelência do indivíduo ligada diretamente com as suas qualidades como a beleza, a valentia e também está ligada ao conceito de vitória, o indivíduo vitorioso é aquele que está mais apto, o melhor.

Este indivíduo que fosse o mais virtuoso, preparado e que possuísse a Glória, como foi definido por Cícero, seria aquele cujo nome seria levado à eternidade e lembrado séculos posteriores à sua morte. Neste sentido observa-se a necessidade de aliar vários elementos para que o indivíduo seja eterno, a virtude, a *auctoritas* e ainda a glória. Mais do que isto, para a aceitação do povo romano era necessário que o

---

<sup>45</sup> Conceito retirado da obra de STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Pág71.

indivíduo se afastasse das noções contrárias de virtude, por isso apresentava-se sempre em oposição à noção de tirania, sendo justo, virtuoso, piedoso, clemente.

## 1.2 A necessidade da virtuosidade

No mundo Greco-romano a virtude era utilizada como um elemento moralizador do indivíduo, elemento este que definia também, muitas vezes a sua função e posição na sociedade. Na cultura romana, que como já foi dito, sofre grandes influências da cultura helênica, o indivíduo que possuísse mais virtudes, ou que fosse classificado como virtuoso possuiria um status social superior aos demais. Isto, em algumas vezes implicava em disputas e descontentamentos por partes opositoras.

As virtudes, muitas vezes estavam associadas às grandes famílias patrícias romanas, ou seja, aquelas mais poderosas e antigas desta sociedade. Geralmente os grandes seres políticos, como senadores e cônsules também eram provenientes destas famílias, sendo chamados assim de *optimates* perante o Senado Romano. Deste modo, a virtude era cultivada nas famílias romanas desde a infância, pois está intimamente ligada com a imagem do indivíduo e os cargos que o mesmo poderia assumir em sua vida.

Os romanos, então cultivavam as virtudes como um elemento legitimador de sua moral, mas também de suas aptidões e poderes políticos ou ainda militares. Ou seja, a vida do indivíduo romano era cercada por estas virtudes que legitimavam o seu poder. Se este não fosse minimamente um homem virtuoso e merecedor da honra de possuir um cargo político, uma legião romana, ou ainda uma magistratura de menor importância, não possuiria o respeito dos outros cidadãos desta sociedade, ou seja, não possuiria nenhuma *auctoritas*.<sup>46</sup>

Havia ainda uma tendência em classificar as virtudes de acordo com a posição social ocupada pelo cidadão, em diferentes níveis de virtuosidade. Deste modo Thiago David Stadler<sup>47</sup> defende que esta classificação das virtudes nos remete a dois tipos de questionamentos, se havia a possibilidade de se ensinar as virtudes aos homens que

---

<sup>46</sup> Conceito latino que define a real influência e poder de uma determinada pessoa em seus subordinados, baseado em uma relação de confiança e respeito e não poder imposto com o uso da força, mas sim conquistado pelo indivíduo. Definido por PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Estudos da História Clássica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. s/d

<sup>47</sup> STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Pág. 74.

detém determinadas funções, e se as virtudes são inatas ao homem. Esta discussão, segundo o autor ganhou espaço nos escritos de Platão e Aristóteles no mundo grego. O primeiro aponta para a *não possibilidade de se ensinar as virtudes*, exceto se aparecesse um sábio que conseguisse defini-las antes do ensinamento, o que para ele não existiu. Para Aristóteles, ainda segundo Stadler, a virtude está ligada a noção de *disposição adquirida voluntariamente*, ou seja, existia a possibilidade de um indivíduo não virtuoso por natureza, tornar-se capaz de mudar esta condição. Sendo assim nota-se uma quebra de pensamento entre os dois pensadores.<sup>48</sup>

No mundo romano estas ideias misturam-se de acordo com o momento e o contexto específico. No momento analisado neste trabalho, o início do Principado Romano, grande parte dos autores está mais inclinado para o pensamento platônico, de que a virtude é inata ao ser humano, sendo o contrário, o homem não virtuoso também fruto de uma natureza imutável. Embora, o personagem analisado, Octávio Augusto, fosse adepto, na maior parte de um pensamento aristotélico, também acreditava que a virtude era inata ao homem, e o mesmo irá reforçar isso se baseando no argumento da linhagem familiar como um meio de propagação da virtude. Os mais jovens deveriam imitar os mais velhos, que por sua vez seriam os detentores das virtudes, e assim constituiriam exemplos aos futuros homens de valor, proporcionando assim uma linhagem virtuosa.

Tendo isto em vista, observa-se que as virtudes rodearam todo o contexto de formação do Principado Romano, quando Augusto afirma ser proveniente de uma alta linhagem patricia, mas também muito virtuosa. Estas afirmações e a utilização das quatro principais virtudes Augustas, serão um meio legitimador do novo sistema de governo que vinha se configurando no século I a.C.

Para os gregos, fundamentalmente as virtudes estavam ligadas a uma *prática do bem*<sup>49</sup>, ou seja, o indivíduo devia ser virtuoso com o intuito de praticar as suas virtudes de modo pleno e que pudesse contribuir positivamente para a sociedade de seu momento, em sua maioria sem fins essencialmente e intencionalmente políticos, mas

---

<sup>48</sup> STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Pág. 75.

<sup>49</sup> STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Pág. 75

sim a formação do caráter do indivíduo em primeiro lugar. No contexto republicano romano as virtudes terão um caráter um pouco diferente, ainda ligada à questão da moral, de fato, mas servirão principalmente como um elemento de maior praticidade e legitimador de personagens ou regimes políticos, como afirma Manuel Gervás<sup>50</sup>, que analisa fundamentalmente as virtudes no contexto romano do Baixo Império.

Neste meio tempo também é apresentado um autor de suma importância nesse âmbito das virtudes. Cícero, que também participa do contexto de formação do Principado dá contornos mais práticos as virtudes, apresenta uma nova tradição do conceito de virtude, definindo-a como algo mais palpável e menos teórico. Para Cícero, a virtuosidade se tornara algo mais prático e utilizável na política romana, com o intuito, principalmente de formar uma consciência dos indivíduos inculcando-os um sistema rígido de valores morais, tendo como premissa que esta formação moral/ética não estava separada da vida cotidiana e de suas responsabilidades perante a sociedade.<sup>51</sup>

### **1.3 As virtudes como instrumento político**

Como já foi dito anteriormente, as virtudes no mundo romano adquiriram contornos diferenciados aos gregos, possuindo assim um caráter mais utilitário, mais praticável a vida cotidiana. Neste momento as virtudes estão intensamente ligadas ao mundo político, bem como as suas práticas, o *ser político* deveria possuir uma série de virtudes para obter a legitimidade de ocupar o seu cargo e a sua posição social.

O homem político em Roma pode ser compreendido como um representante que possui destaque na sua sociedade, e assim acaba adquirindo diversas caracterizações durante o transcorrer de História de Roma. Os gregos preocupavam-se com a busca de um indivíduo que reunisse todas as virtudes mencionadas. Alguém capaz de ser justo, clemente, sábio, piedoso, que comandasse diversas campanhas militares com *Victoria* e

---

<sup>50</sup> GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política Y Opinión Pública: em los panegíricos latinos Del Bajo Império*. Salamanca: Universida de Salamanca, 1991. Pág. 77

<sup>51</sup> EHRHARDT, Marcos Luis. *O Arquiteto Social: Sêneca e a Construção de Modelos para a Sociedade Romana nos tempos do Principado a partir da História Magistra Vitae*. Tese de doutoramento no programa de Pós Graduação em História. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Renan Frighetto, 2008. P.111. programa de Pós Graduação em História. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Renan Frighetto, 2008. P.111.

*Felicitas*; um indivíduo dotado de habilidade militar e rodeado por homens influentes na sociedade a qual pertenciam.<sup>52</sup>

Ainda nas palavras de Thiago Stadler, [...] Ao adentrarmos no espaço característico do principado romano, vemos que a relação entre a virtuosidade e a figura do *princeps* não se baseava apenas na noção de *ser feliz*. Aqui a figura do *homem político virtuoso* atrela-se ao *poder político*, ou seja, o indivíduo deve ter um papel de destaque na sociedade, e esta por conseguinte, exalta e legitima o *homem político* através das virtudes. Tal processo criou uma nova característica: as virtudes dissolveram-se dentro da sociedade romana – em sua dimensão coletiva-, e ligaram-se cada vez mais à figura do líder.<sup>53</sup>

Deste modo, observa-se uma intensa personificação dessas virtudes, não em um indivíduo qualquer, mas sim no *homem político*, definido por Andrea Giardina<sup>54</sup> como um representante destacado na sua sociedade. Cada vez mais, e, sobretudo no Principado, as virtudes atrelam-se como instrumentos ideológicos legitimadores da *potestas* e da *auctoritas* destes homens políticos. Sem o elemento das virtudes nenhum indivíduo conseguiria sustentar o seu poder perante a sociedade romana. As virtudes, portanto, refletem um verdadeiro símbolo de poder, um instrumento ideológico que busca transparecer mensagens específicas às quais o *homem político* deseja que seus súditos acreditem.

As virtudes deixaram assim o campo teórico e da retórica e formaram um componente fundamental na ascensão e no oportunismo político do Principado Romano. Para Manuel Gervás, as virtudes, no momento de implantação do principado, possuíam um caráter marcado pela disposição política, com a intenção de elaborar, fortalecer e legitimar e intensificar a imagem imperial.<sup>55</sup> Ainda segundo Gervás é no final do período Republicano e início do Principado que estas virtudes vão adquirir um caráter extremamente político, não deixando o aspecto moral –filosófico grego, mas adquirindo contornos mais utilitário político.

---

<sup>52</sup> STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Pág. 85.

<sup>53</sup> STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Pág. 85.

<sup>54</sup> GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Lisboa: Editora Presença, 1991, p.44

<sup>55</sup> GERVÁS, op.cit., p.77.

A estrutura política do Principado irá consistir em um poder unitário e centralizador, sendo assim ressalta-se a individualidade do líder à formação institucional imperial. Deste modo a figura do representante está diretamente atrelada ao poder político. Sua imagem deve ser preservada para que a sua *potestas*, e principalmente a sua *auctoritas* seja conquistada. Sendo assim era comum determinados governos serem caracterizados como “bons” ou “ruins”. Estas caracterizações eram provenientes de construções de propagandas políticas e discursos produzidos, os quais eram pautados principalmente nas virtudes ou anti-virtudes

“(…) todos os escritos de propaganda, os tratados de boa conduta, os discursos edificantes, os manifestos, panfletos, sermões, elogios, epítáfios, as biografias de heróis exemplares, em suma, todas as expressões verbais que um meio social dá as virtudes que reverencia e aos vícios que reprovava e que lhe servem para defender e propagar a ética onde se apoia sua boa consciência.”<sup>56</sup>

Estes discursos eram baseados em linhas, a primeira a de aprovação e reverenciarão destes indivíduos, a outra a de reprovação, tudo dependia da questão da persuasão e da elaboração de uma crença popular, na qual os súditos pudessem acreditar e seguir. Deste modo a maior preocupação era convencer ao outro de que um determinado indivíduo pudesse corresponder às expectativas criadas através de seus escritos, geralmente pautado em virtudes e vícios.

“O povo dependia da palavra”, seja escrita ou falada, mostra que a real força do uso das virtudes em documentos/ discursos que poderiam conceber a indivíduos diante do Senado, do Fórum, dos exércitos ou mesmo do povo em geral. As palavras agem como instrumentos e máscaras.<sup>57</sup> Deste modo nota-se o intenso cuidado no uso das palavras para a elaboração da imagem destes indivíduos políticos. Sendo assim pequenos testemunhos sobre a *virtuosidade* de um indivíduo pode torná-lo um exemplo a ser seguido por todos. Segundo Maria José Hidalgo de La Vega<sup>58</sup> deve-se tomar certo cuidado para não generalizar o sentido das virtudes apontando-as apenas como um

---

<sup>56</sup> DUBY, Apud: CORASSIN, Maria Luiza. *A Idealização do Príncipe na Ideologia Aristocrática de Roma*. Boletim do CPA, Campinas, nº 4, jul/dez, 1997. P 197.198

<sup>57</sup> VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *As palavras e as Ideias: o Poder na Antiguidade*. Diálogos. DHI/PPH/UEM, v.9, nº2. P. 142-155, 2005., p. 144.

<sup>58</sup> HIDALGO DE LA VEJA, Maria José. *El intelectual, la Realeza y el Poder Político em el Império Romano*. Salamanca: Ediciones de Salamanca, 1995. P111.

instrumento da retórica. Elas eram necessárias para a justificação e a legitimação dos soberanos perante a sua sociedade.

Observa-se então que o principal objetivo político da virtude é estabelecer uma imagem segura e glorificada de um soberano, a fim de que o mesmo adquira a legitimidade necessária para se governar em uma sociedade que passa por intensas crises, inclusive identitárias, como a do início do Principado Romano, visto que saíram recentemente de um regime republicano, e que ainda não tinha se estabelecido claramente qual forma de governo viviam com Octávio Augusto, o primeiro *princeps* romano. Utiliza-se a virtude para construir uma imagem ideal do soberano, apresentando, sobretudo suas qualidades.

Observa-se então a apresentação de diversas qualidades do indivíduo, no entanto, elas também tem outra finalidade política, a de desviar a atenção para outros feitos não tão glorificantes que este soberano possa vir a cometer, a fim de manter o seu poder. Deste modo o “detentor das virtudes” contrapõe-se aos “maus exemplos”. Esta oposição é baseada através da conciliação dos elementos teóricos definidores de um *homem virtuoso* às suas práticas<sup>59</sup>, sustentando assim a posição almejada de “soberano ideal”. Se existirem contradições na relação entre a prática e a teoria, cabe aos autores laudatórios diminuir ao máximo as discrepâncias, passando a fiel imagem de um “*homem perfeito*”.

Tendo apresentado toda uma teorização a respeito da virtude e de suas utilizações, o trabalho a partir deste momento começa a dar um enfoque maior no objeto principal desta investigação, Octávio Augusto, que como já foi dito, foi o primeiro *princeps* romano, e possivelmente o que mais utilizou a questão das virtudes para legitimar o seu poder e a sua *auctoritas* principalmente, visto que ele próprio cria um novo sistema de governo, baseado no poder pessoal, destoando da prática antiga, baseada num sistema republicano senatorial.

Sendo assim Augusto utiliza-se de diversas virtudes para legitimar o seu poder, no entanto, pauta-se principalmente em quatro, que viriam a ser conhecidas como as *Virtutes Augustas*, pois são as que ele recorrentemente utiliza na formação da sua

---

<sup>59</sup> FRIGHETTO, Renan. *O Soberano Ideal na obra de Valério de Bierzo*. Gerión, nº16, 1998. Servicio de Publicaciones. Universidade Complutense. Madrid., p.468.



imagem, *Virtu, Clementia, Pietas e Iustitia*. A partir deste momento inicia-se um estudo mais focado para estas quatro virtudes e a sua relação com a *auctoritas* de Octávio Augusto.

#### 1.4 A *Virtu* e a sua relação com a *auctoritas*

Segundo Manuel Gervás *uirtu* significa: “*Una cualidad otorgada por los dioses y una mezcla de coraje, independência e tenacidad. Aunque en principio se aplico a la actividad guerrera, posteriormente se utilizo para designar al gobernante de manera geral. No expresa unicamente valentia humana, ya que transcende dicho concepto para asentarse en lo divino, es decir la aquiescência de los dioses otorga la virtus al imperador.*”<sup>60</sup>

Deste modo observa-se uma grande importância em especial desta virtude, pois a mesma é aplicada a um conceito divino, ao qual apenas os imperadores vitoriosos podem ter o direito de usufruí-la. É uma mistura de coragem, independência e tenacidade. Um princípio aplicado a uma atividade guerreira, mas que transcende a valentia humana e repousa também no conceito de divino, aonde os deuses outorgam esta virtude ao *princeps*.

A *uirtus* está intimamente ligada então à questão da vitória, seja militar, seja política. Fato é que a *uirtus* fortalece a *auctoritas*, pois um *homem vitorioso* também é um *homem virtuoso*, pois na concepção romana aquele que era detentor da *Victoria* seria uma pessoa dotada de bom caráter, pois possuiria os atributos necessários para vencer determinadas batalhas.

Augusto em sua *Res Gestae Divii Augusti*<sup>61</sup>, a todo o momento apresenta-se como vitorioso em determinadas campanhas, principalmente contra as tribos da Panônia. Em seu documento o *princeps* apresenta-se como um homem que levou a glória a Roma, pois nas batalhas que ele entrou ele venceu. Tornara-se legítimo no poder, portanto ia adquirindo a confiança de seus súditos, o que contribuía assim para o fortalecimento de uma *auctoritas*, visto que a mesma é baseada em uma relação de

---

<sup>60</sup> GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política Y Opinión Pública: em los panegíricos latinos Del Bajo Império*. Salamanca: Universida de Salamanca, 1991. Pág. 78.

Tradução por Rafaela Trentini: É uma qualidade outorgada pelos Deuses, uma mistura de coragem, independência e tenacidade. Em princípio se aplica a atividades guerreiras, posteriormente se utilizou para designar ao governante de maneira geral. Não expressa unicamente à valentia humana, mas transcende este conceito para assentar-se no divino, os deuses outorgam a virtude ao imperador.

<sup>61</sup> Fonte já apresentada na introdução.

respeito e confiança, diferentemente da *potestas*, que está mais ligada a uma relação de imposição do poder

“As tribos da Panônia, a que nenhum exército do povo romano jamais conseguiu penetrar antes do meu principado, e foram subjugados por Tibério Nero que é meu enteado e o meu legado. Eu trouxe sob a soberania do povo romano, fui em frente à fronteira da Ilíria até a margem do Rio Danúbio. Um exército de dácios que cruzaram o sul daquele rio estavam, sobre os meus auspícios, derrotados e esmagados, depois meu próprio exército deixaram o Danúbio e obrigaram as tribos dácias a se submeter às ordens do povo romano.”<sup>62</sup>

Neste extrato do documento percebe-se que Augusto assimila para a sua pessoa as vitórias conquistadas em seu principado, mas mais do que isso as dedica ao povo romano, como se fossem vitórias do *princeps* e do povo. Estas afirmações causam um impacto de grande confiança por parte dos súditos pois afasta a figura de Augusto à de um tirano ganancioso.

Sendo assim a *uirtus* aparece como a virtude principal ligada a Octávio Augusto, pois, o mesmo que posteriormente a sua morte receberá o título de *Dios*<sup>63</sup>, no entanto, ainda em vida recebe o título de Augusto<sup>64</sup>, que já significa uma sacralização de sua pessoa. Aliada com a *uirtu* que o mesmo possuía e que também fora dada a ele pelos deuses, tudo contribui para uma glorificação e uma sacralização de sua figura, o que contribuirá para a legitimação de sua *auctoritas* baseada em uma tradição sagrada.

Deste modo, no Principado de Augusto, como em outros principados posteriores, a *uirtu* estará sempre ligada a uma sacralidade, elemento que conferirá aos *princeps* uma conquista da *auctoritas* baseada em princípios de uma glorificação pessoal, mas

---

<sup>62</sup> AUGUSTUS.*Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924. Pág.395

Tradução por Rafaela Trentini: The tribes of the Pannonians, to which no army of the Roman people had ever penetrated before my principate, having been subdued by Tiberius Nero who was then my stepson and my legate, I brought under the sovereignty of the Roman people, and I pushed forward the frontier of Illyricum as far as the bank of the river Danube. An army of Dacians which crossed to the south of that river was, under my auspices, defeated and crushed, and afterwards my own army was led across the Danube and compelled the tribes of Dacians to submit to the orders of the Roman people.

<sup>63</sup> Dios = Palavra de origem latina que significa Deus.

<sup>64</sup> Título concedido pelo Senado, significando a descendência de uma divindade, consagrado ou santo.

sobretudo de uma tradição sagrada, ligada intimamente com os deuses romanos. Pois sempre será dito que a *uirtu* foi conferida aos indivíduos pelos Deuses.

Pode-se perceber que a imagem de sagrado, ficou ligada a figura de Octávio Augusto, pois, no século II d.C o senador Suetônio, irá escrever em uma biografia de Augusto<sup>65</sup>, ao qual o seu título já declara a sua visão sobre o *princeps* “*A vida do Divino Augusto*”, apresentando-o como um *princeps* sagrado e divino por suas *virtus*. O autor ainda afirma que:

“(…) o solo em que o Divino Augusto tocara primeiramente ao nascer, e pedisse que aquilo lhe fosse concedido como a seu deus próprio e particular, foi decretado que aquela parte de sua casa fosse consagrada.”<sup>66</sup>

Observa-se, portanto, que a *uirtu*, a virtude sagrada, segundo Manuel Gervás, que era outorgada pelos deuses e que estava intimamente ligada às vitórias, sendo elas militares ou políticas, colaboram para a legitimação da *auctoritas* de Augusto. Visto que com a sua sacralidade, seu súditos passaram a confiar em sua pessoa de forma mais plena, o que contribuiu, inclusive para que o mesmo tornasse exemplo para os futuros soberanos de Roma, e inclusive de outros lugares.

### **1.5 A *pietas*, a *clementia* e a *iustitia***

Dando continuidade à análise das *Quatro Virtudes Augustas*, a *pietas*, a *clementia* e a *iustitia* são mais facilmente identificáveis nas fontes analisadas nesta investigação, porque constituem a base da argumentação para a legitimação de seu poder tanto por Augusto, quanto por outros autores de seu momento. Augusto demonstra-se o homem mais piedoso, justo e clemente que Roma conheceu. Ainda utilizando os conceitos de Manuel Gervás<sup>67</sup> define-se:

- *Clementia*: Es una consecuencia del aumento de poder personal y va paralelo a las victorias conseguidas tras una guerra. Tiene efectos irônicos, ya que se parece

---

<sup>65</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Fonte Histórica já apresentada na introdução deste trabalho.

<sup>66</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Pág. 55.

<sup>67</sup> GERVÁS, op.cit., p.78-79

demasiado a una cualidad despótica; la magnanidad del conquistador hacia los vencidos.<sup>68</sup>.

- *Iustitia* – Es la virtud por excelência del buen gobernante, sin embargo no figura con excesiva frecuencia en las monedas. Suele ir asociada a *Aequitas* y diferencia al legítimo emperador del usurpador. La justiça al igual que la clemência eran cualidades próprias del Senado, posteriormente passaram a los emperadores.<sup>69</sup>

- *Pietas* – Es la interna y espiritual, ligazón del sistema imperial romano. En el gobernante es un sentimiento de deber y hacia los ciudadanos romanos, mientras que em éstos es un sentimiento leal del súdito quien los gobierna. Tradicionalmente era un sentimiento de afecto y obligaciones en el âmbito familiar, entre padres e hijos. El signo subjetivo de la gracia divina, y és el origen del acuerdo entre los dioses y los emperadores: en definitiva es el fundamento de todas las buenas relaciones.<sup>70</sup>

Estas conceitualizações nos permitem observar que estas virtudes estão intimamente ligadas ao exercício do poder do *princeps* Augusto, principalmente no que se refere à imagem que o mesmo deseja passar aos seus súditos, sempre de um soberano justo, clemente e piedoso, que possui uma conexão com o seu povo, e que respeita, inclusive, os povos por eles conquistados, dando a oportunidade de adentrarem em Roma sem sofrer maiores represálias.

“ Eu extingui as chamas da guerra civil depois de receber por consenso universal o controle absoluto dos assuntos, eu transferei a república do meu controle para a vontade do Senado e do povo romano. Por esse serviço, para minha parte foi dado o título de Augusto por decreto do Senado, e do umbral de minha casa foi coberto de louros em ato público, uma coroa cívica foi fixada sobre a minha porta, um escudo foi colocado na Curia Julia ao qual a inscrição atestava que o senado e o povo romano me

---

<sup>68</sup> Tradução por Rafaela Trentini: É uma consequência do aumento do poder pessoal e paralelo as vitórias conquistadas em uma guerra. Possui efeitos irônicos, e se parece bastante com uma qualidade despótica, a magnanidade do conquistador possuía para com os vencidos

<sup>69</sup> Tradução por Rafaela Trentini: É a virtude por excelência do bom governante, normalmente não aparece com frequência nas moedas. Pode ser associada a *Aequitas* e se diferencia o legítimo imperador do usurpador. A justiça do mesmo modo que a clemência eram qualidades próprias do Senado, e posteriormente passaram aos imperadores.

<sup>70</sup> Tradução por Rafaela Trentini: É a interna e espiritual ligação do sistema imperial romano. No governante é um sentimento de dever e afeto para com os cidadãos romanos, ainda assim é um sentimento de lealdade do súdito para com o seu governante. Tradicionalmente era um sentimento de afetos e obrigações no âmbito familiar entre pais e filhos. É o signo subjetivo da graça divinas e da origem do acordo entre os deuses e os imperadores, é, portanto, o fundamento de todas as boas relações.

davam em reconhecimento do meu valor, da minha clemência, da minha justiça e de minha piedade.”<sup>71</sup>

Mais do que isto, essas virtudes representam fundamentalmente sentimentos de lealdade do governante para com os seus súditos, a magnanidade com que trata os seus inimigos, mas principalmente, estas virtudes diferenciam o governante legítimo do usurpador. É nesta premissa que Augusto irá pautar-se, pois como o mesmo está criando um diferente tipo de governo pessoal, e ao mesmo tempo procurando-se afastar do governo de Júlio César, que terminou em seu assassinato, o mesmo cerca-se de virtudes para afastar uma imagem usurpatória. Buscando assim, uma legitimidade maior de sua *auctoritas*

“Eu extingui as chamas da Guerra Civil depois de receber o consenso do absoluto controle dos assuntos, eu transferei a república do meu próprio controle para a vontade do Senado e do povo romano. Por esse serviço, de minha própria parte foi dado o título de Augusto por decreto do Senado, os umbrais de minha casa foram cobertos com louros em ato público, e uma coroa cívica foi fixada sobre a minha porta. Um escudo de ouro foi colocado na Cúria Júlia, a qual a sua inscrição atestada que o senado e o povo romano me deram isto em reconhecimento do meu valor, da minha clemência, da minha justiça e da minha piedade.”<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924. Pág.399. Tradução livre por Rafaela Trentini: “ I had extinguished the flames of civil war after receiving by universal consent the absolute control of affairs, I transferred the republic from my own control to the will of the senate and the Roman people. For this service on my part I was given the title of Augustus by decree of the senate, and the doorposts of my house were covered with laurels of public act, and a civic crown was fixed above my door, and a golden shield was placed in the Curia Julia whose inscription testified that the senate and the Roman people gave me this in recognition of my valour, my clemency, my justice and my piety.

<sup>72</sup> AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924. Pág.399 Tradução por Rafaela Trentini: I had extinguished the flames of civil war after receiving by universal consent the absolute control of affairs, I transferred the republic from my own control to the will of the senate and the Roman people. For this service on my part I was given the title of Augustus by decree of the senate, and the doorposts of my house were covered with laurels of public act, and a civic crown was fixed above my door, and a golden shield was placed in the Curia Julia whose inscription testified that the senate and the Roman people gave me this in recognition of my valour, my clemency, my justice and my piety

“Foi um patrono e senhor não menos severo do que bondoso, e clemente, teve grande estima e amizade por muitos de seus libertos.”<sup>73</sup>

Sua *auctoritas* está pautada, então na utilização destas virtudes para elaborar uma imagem segura de si mesmo, para adquirir a confiança e o respeito necessários para a afirmação de seu poder perante o povo romano, mas, sobretudo, estas virtudes eram direcionadas, principalmente ao Senado, que necessitava de elementos para aceitar o poder pessoal, visto como já foi dito, a mudança de um regime republicano para o principado de Augusto. Era necessário, portanto, elementos que legitimassem Augusto perante o poder senatorial, as virtudes foram um dos meios que levaram Octávio a conseguir essa legitimidade e essa *auctoritas* tão necessária para a sua permanência no poder.

## 1.6 A construção de uma imagem política

Como abordamos anteriormente, Otávio Augusto utiliza-se de diversos elementos que compunham a sociedade romana do século I a.C. As virtudes delineiam a imagem que se pretende obter para atingir objetivos bem específicos perante a sociedade, sendo eles de diversas naturezas. O *princeps* busca atingir seus objetivos construindo uma segura imagem política de sua pessoa, pois no contexto específico vivido por ele mais importante do que ser, era aparentar ser.

Augusto busca cercar-se de diversos meios que elaborem a sua imagem, escritores, poetas, artistas, políticos, todos aqueles que dessem um tom ao seu governo. Essa legitimação era necessária, pois sua *auctoritas* teve de ser conquistada, afinal, Roma passava por uma intensa crise na República durante o século I a.C, e a sua *adoptio* por parte de Júlio César foi sempre questionada quanto a sua veracidade por seus opositores, que acreditavam que Otávio havia criado-a.

Sendo assim pensadores como Salústio, Tito Lívio e Virgílio frequentaram o meio político augustano, geralmente financiado pelo *princeps* para construir uma imagem do mesmo. Os primeiros elaboraram obras de cunho histórico, ao qual traçam a trajetória de Roma desde o seu princípio até os tempos contemporâneos aos autores, infelizmente pouco da parte referente ao *princeps* Augusto sobreviveu ao tempo, e possuímos apenas alguns trechos de suas obras referentes ao objeto aqui estudado.

---

<sup>73</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Pág. 93.

Virgílio, entretanto, é financiado por Mecenas<sup>74</sup> para elaborar uma poesia épica sobre as origens e fundação de Roma, proporcionando um sentimento de identificação e aumentando a exaltação ao governo de Augusto.

A *Eneida*, obra escrita pelo poeta Virgílio, é encomendada a fim de que a imagem que nela foi construída fosse perpetuada, principalmente pela *nobilitas*, que adquiriam e liam tais obras. Deste modo o conteúdo viria para comprovar a imagem que ele vinha construindo de um legítimo defensor da República, mas que estava predestinado a governar Roma. Augusto, portanto, utiliza o mecanismo literário para conseguir conquistar as elites romanas, que seriam o suporte de seu governo. Ele conquista principalmente a aristocracia senatorial, que o apoiaria na grande maioria de suas decisões. Sendo assim, conquista fundamentalmente a sociedade política de seu momento

A composição da Eneida começou cerca de 29 a.C e interrompida em 19 com a morte de Virgílio, pouco tempo antes de sua conclusão, e contemporânea à formação do principado e, mesmo ao construir fundamentos do seu edifício político Augusto interessava-se pelos progressos de seu poema [...] Mas Augusto impacientava-se e pedia-lhe que se apressasse, como se a sorte do regime dependesse da diligência do poeta. Custa a acreditar que tal não passasse de impaciência de letrado. É certo que Augusto contava com a Eneida para ajudar na reorganização do poder.<sup>75</sup>

Nesta obra é criada toda uma mitologia em torno da família *Iulia*, os quais seriam descendentes dos antigos troianos, fugitivos da guerra ocorrida no século XII a.C e narrada por Homero em suas obras *Ilíada* e *Odisseia*, clássicos da literatura grega e que tiveram grande repercussão na literatura romana. Sendo assim Virgílio retoma a obra a partir do gancho deixado por Homero, utilizando-se da fuga de *Enéias* pelos porões de Tróia e construindo assim uma nova épica. Enéias seria descendente de Vênus, e assim confere um caráter sagrado.

---

<sup>74</sup> Mecenas, um dos homens que frequentavam o meio de Otávio Augusto, o ajudou em sua ascensão política e colaborou de forma bastante intensa na elaboração de uma imagem do *princeps* contratando diversos pensadores para este fim. Seu nome virou referência em tempos posteriores aos financiadores das artes.

<sup>75</sup> GRIMAL, Pierre. O Século de Augusto. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 73.

Ao longo da obra, Virgílio liga Julio César, tio e pai adotivo de Octávio Augusto a Rômulo, o primeiro Rei Romano, fundador da cidade de Roma, através da linhagem consanguínea. Só esta relação já seria suficiente para lhe trazer grande credibilidade perante a sociedade romana, no entanto Virgílio aprofunda mais esta questão. Rômulo seria descendente direto de Enéias, o famoso rapaz que consegue fugir de Tróia em meio ao ataque dos gregos, onde o príncipe Paris lhe entrega a Espada de Tróia para fundar a cidade em um outro lugar, pois onde estivesse aquela Espada o povo troiano sobreviveria. Enéias, que por sua vez é descendente de Vênus, então funda uma cidade na região da Península Itálica e assim estabelece-se. Anos mais tarde surgirá o seu descendente Rômulo que fundará a Cidade de Roma, juntamente com seu irmão Remo

“Eu sou o piedoso Enéias, que transporto comigo, na minha frota, os deuses Penates roubados ao inimigo, Enéias, cuja fama ascendeu ao mais alto dos céus. Procuo a Itália, terra de meus pais, que descendem do grande Júpiter.”<sup>76</sup>

Assim estabelece uma tradição ainda maior em volta da família de Otávio, pois o mesmo descende de Vênus, Enéias e Rômulo, e ainda é filho adotivo de César, ou seja, cerca-se de elementos legitimadores para que a sua posição soberana no governo não seja contestada, muito pelo contrário, que seja ainda reverenciada pelos cidadãos como o “melhor a governar” o *optimus princeps*

“Depois nascerá César, troiano de bela origem, que estenderá seu império até o Oceano e sua fama até os astros: seu nome de Júlio lhe vira grande Iúlio.”<sup>77</sup>

Sua maior legitimidade, no entanto, consiste em estar associado a uma divindade, ou seja, Júpiter, isto faria a família de Augusto, os *Iúlios*, sagrada, e lhe concederia assim a possibilidade de estabelecer-se no poder através dessa santidade. Ainda assim é interessante observar que fazendo essa comparação, ele tem a legitimidade de se tornar a autoridade máxima de Roma, tendo todo o respaldo em suas decisões, pois seriam as mesmas provenientes de um descendente de Vênus. De acordo

---

<sup>76</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*. Suzano, São Paulo, 2003. Pág.20

<sup>77</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*. Suzano, São Paulo, 2003. Pág. 18.



com Marcos Ehrhardt, Augusto recorre ao mito como uma forma eficaz de fortalecer a sua posição através da vinculação divina<sup>78</sup>

A epopeia virgiliana, ao dar uma forma perfeita a estas tradições, de alguma maneira gravava para sempre, como uma inesquecível lição de história, a narração dos acontecimentos que legitimavam o Império.<sup>79</sup>

Como a *Eneida* foi lançada ainda durante a vida de Augusto, ela servirá como um agente legitimador de seu próprio poder, para adquirir uma *auctoritas* que garantisse a sua permanência no governo, e que lhe conferisse assim a legitimidade necessária em meio a diversos questionamentos que o mesmo teve de enfrentar ainda em vida.<sup>80</sup>

A *Eneida* irá funcionar como um transportador das ideias elaboradas por Augusto e legitimar assim o seu poder perante a aristocracia, mas não somente esse grupo, através das encenações teatrais da *Eneida*, o povo romano, em geral também acabou absorvendo as ideias da obra. Neste sentido, tornou-se necessária uma propaganda ligada a um mito fundacional, e também as tradições romanas corroborando com a retórica apresentada por Augusto perante o Senado romano.<sup>81</sup>

A *Eneida* atingiu principalmente os grupos aristocráticos romanos, que eram os receptores diretos das obras literárias daquele momento, visto que eram aqueles que podiam adquiri-las. No entanto, num geral, todos os cidadãos da cidade de Roma, e em grande parte de toda a extensão territorial romana, tiveram acesso a essa obra, proporcionando assim uma maior divulgação de seu conteúdo ideológico.

Para Pierre Grimal<sup>82</sup> A *Eneida* foi, durante gerações e até o fim da Antiguidade, o catecismo da juventude romana, o compêndio de fé no destino de Roma, que não

---

<sup>78</sup> EHRHARDT, Marcos Luis. *O Arquiteto Social: Sêneca e a Construção de Modelos para a Sociedade Romana nos tempos do Principado a partir da História Magistra Vitae*. Tese de doutoramento no programa de Pós Graduação em História. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Renan Frighetto, 2008. P.111.

<sup>79</sup> GRIMAL, Pierre. *O Século de Augusto*. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 74

<sup>80</sup> Para mais informações acerca do contexto de Augusto em relação aos conflitos enfrentados por ele, pode-se conferir na obra de ROSTOVTZEEF, Mikhael. *História de Roma*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1973.

<sup>81</sup> Para mais considerações sobre a questão que envolve o mito fundacional de Roma ver a obra de GRIMAL, Pierre. *O Século de Augusto*. Lisboa, Editora 70, 2008.

<sup>82</sup> GRIMAL, Pierre. *O Século de Augusto*. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 95.

sobreviveu apenas à ruína da dinastia Juliana, mas a própria ruína de Roma e a prolongou nos espíritos e corações quando ela já não era mais do que uma recordação.

No que se refere a uma literatura proporcionada por Augusto, temos como exemplo os autores Tito Lívio, que em meio a uma época cheia de poetas proporciona ao *princeps* outro gênero literato, a história. Grimal afirma que o tempo dos oradores como Cícero já passara devido à mudança no regime político, os discursos perdem a importância. Deixam de ser capazes de agir sobre as opiniões e modificar o curso da História. A palavra torna-se uma adequação vã, já não mais destinada a mover a multidão e a adular os ouvidos de alguns conhecedores.<sup>83</sup>

Sendo assim era necessária mais do que apenas uma oratória, como a exemplo dos bem executados discursos de Cícero, que fizeram grandes efeitos em seu tempo. Nesse momento preferia-se confiar na história, como sendo uma premissa da verdade. Verdade essa que buscava atrelar as novas práticas como sendo de defensoria das antigas tradições romanas, ou seja, tinha por objetivo idealizar uma continuidade, e não uma ruptura, que na prática estava mais clara do que na retórica

Augusto estava disposto a acolher – e tinha o único desejo disso – o historiador que soubesse destacar esta continuidade do passado, mostrar, por exemplo, a plasticidade das instituições em função das épocas e seguir passo a passo o esforço de Roma para ela mesma se definir, mantendo-se fiel a um único objetivo, e a uma única vocação.<sup>84</sup>

A Tito Lívio ficou a responsabilidade de escrever quarenta e dois livros sobre a história de Roma. E tal como Virgílio, trabalhara na construção de uma imagem a qual Augusto desejava. Imagem essa que não necessariamente seria falsa, mas subjetiva certamente. Ambos os autores não inventam nada, eram mitos e histórias que já existiam no imaginário social desde os primórdios da república, porém eram largados ao esquecimento, e assim foram remodelados para servir aos propósitos de Augusto.

Augusto, ainda com a finalidade de difundir uma imagem construída de si, promove espetáculos públicos de gladiadores, que eram oferecidos ao povo com o intuito de representar diversas das batalhas que Augusto tivera durante a sua vida, mas,

---

<sup>83</sup> GRIMAL, Pierre. O Século de Augusto. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 92.

<sup>84</sup> GRIMAL, Pierre. O Século de Augusto. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 93.

sobretudo a Batalha do Áccio, que fora representada diversas vezes. Nesses espetáculos os gladiadores mais fortes vestiam-se como membros das legiões do *princeps* enquanto que os mais fracos os demais povos, e assim travavam uma batalha mostrando os seus grandes feitos, e como ele lutou para defender a República e o povo romano da tirania de alguns povos bárbaros, mas também da tentativa de helenização de Marco Antônio e Cleópatra

“ Toda a política de Augusto em relação à plebe foi no sentido de conter a possível agitação popular, eliminar a violência e a desordem que havia caracterizado os anos finais do período da República, atuando como restaurador da ordem. A plebe urbana não constituirá a principal base social do novo regime augustano. Por outro lado o imperador nunca deixou de preocupar-se com ela, pois manter a plebe da capital tranquila sempre foi, como deve ser intuído logo, de fundamental importância para a segurança da capital e de sua própria.”<sup>85</sup>

Para Maria Luiza Corassin<sup>86</sup> Augusto busca legitimar o seu poder perante a *nobilitas* romana, a autora ainda afirma que a obra dificilmente foi escrita pelo *princeps* no fim de sua vida, ela acredita que ele vinha escrevendo ao longo dos anos. No entanto, apenas para legitimar seu poder perante a *nobilitas* a obra torna insuficiente. Acredita-se que ele tenha escrito a *Res Gestae* para além de legitimar a sua *auctoritas* conseguir fazer um sucessor de sua inteira confiança, e indicado por ele mesmo, tendo assim a legitimidade para escolher aquele que deveria governar.

No documento Augusto exalta a própria figura, e afirma que a *res publica* e o *populus romanus* são os destinatários finais de toda a sua atividade. Porém o autor aparece a todo momento durante o texto, sendo assim o foco central da obra. Deste modo, percebe-se que a obra apresenta sempre Augusto delimitando a sua figura e colocando-se como o defensor da República e um homem virtuoso, que apenas recebe o poder que lhe foi dado, como já foi visto nos subcapítulos anteriores.

---

<sup>85</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY. Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007. Pág. 106.

<sup>86</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY. Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.

“A propaganda oficial afirma a adesão unânime da Itália a Otaviano; nas *Res Gestae* Augusto se refere ao apoio que recebeu contra Marco Antônio: “A Itália toda, espontaneamente, jurou-me fidelidade e quis-me como chefe de guerra, no fim da qual venci em Ácio” (R.G.V,25). Esse juramento é importante como base militar do poder pessoal do *princeps*, mostrando que a supremacia passou das mãos do Senado para as dos Príncipe.”<sup>87</sup>

Sendo assim, com este documento, Augusto tem a intenção de fazer com que o seu filho adotivo, Tibério seja o novo *princeps* de Roma, embora não afirme isto abertamente no documento. Esta obra tem também a intenção de legitimar o seu Principado, a fim de que a sua obra seja perpetuada, e não devolvida inteiramente ao Senado após a sua morte. Portanto, a *Res Gestae* é de profunda importância para a continuação do Principado Romano, que posteriormente transforma-se no Império Romano, já com diferentes configurações às do Principado.

Para o povo de menos posse e também de menos estudo, este era o meio de se integrar perante a sociedade e ficar a par dos grandes feitos do *princeps*, deste modo foram incorporando assim as ideologias que estes espetáculos ofereciam, como uma forma de alienação política<sup>88</sup>, onde era apresentada apenas a versão de Augusto. Ainda nesses espetáculos, eram oferecidos a população mais pobre uma quantia de pão para cada cidadão, para que a sua atenção para a política fosse desviada. Esta prática ficou conhecida posteriormente com “Política do Pão e Circo”<sup>89</sup>, onde a união dos espetáculos, e da distribuição de alimentos contribuiria para alienar a população mais pobre de Roma. Juntamente com isso, apresentar a ideologia de Augusto, ou seja, a sua imagem construída, de seus feitos, suas glórias, mas principalmente de ser um *princeps* piedoso e clemente, pois na maioria das vezes, ao fim dos espetáculos, decidia a favor da vida dos derrotados, o que causava grande alvoroço perante o povo romano

“As frumentações, inicialmente eram fortemente rejeitadas pelos *optimates* e descritas por Cícero como

---

<sup>87</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY. Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007 Pág. 113.

<sup>88</sup> Do latim *alienare*: Tornar-se alheio, desatento, não ter concentração ou cuidado; ser indiferente. Conceito geral retirado do Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.

<sup>89</sup> Ato de oferecer distração gratuita com o objetivo de alienar a população com relação às questões políticas.

causa do ócio e dos vícios da plebe da capital, que de fato se mostrava disposta a apoiar este ou aquele político em troca de favores ou recompensas. Assim se explica a popularidade de César e depois a de Otaviano.”<sup>90</sup>

Augusto, portanto, recorre a estes mecanismos, ainda em sua vida, para conseguir a *auctoritas* necessária para que pudesse se estabilizar no poder, subjugando, físico, mas também ideologicamente todas as revoltas ou posições contrárias ao sistema que vinha criando e moldando, embora o mesmo não tivesse uma ideia clara do principado que vinha formulando. Essas ações colaboram no sentido de justificar sua posição perante a sociedade política, e, sobretudo, de sustentar que ele merecia estar aonde chegou, pois era o homem mais preparado, virtuoso e digno de ocupar a posição de *princeps* e de guiar Roma através de um modelo pessoal de governo

Augusto recorreu a uma douda propaganda que reuniu a sua volta historiadores e poetas, e os encarregou de conquistar os espíritos, ou pelo menos, de cegá-los a respeito de suas verdadeiras intenções. Augusto não teria sido então mais do que um político genial, movido essencialmente pela ambição e utilizando para os seus propósitos egoístas um aparelho religioso.<sup>91</sup>

Toda a política de Augusto em relação à plebe foi no sentido de conter a possível agitação popular, eliminar a violência e a desordem que havia caracterizado os anos finais do período da República, atuando como restaurador da ordem. A plebe urbana não constituirá a principal base social do novo regime augustano. Por outro lado o imperador nunca deixou de preocupar-se com ela, pois manter a plebe da capital tranquila sempre foi, como deve ser intuído logo, de fundamental importância para a segurança da capital e de sua própria.<sup>92</sup>

Deste modo, a imagem que o *princeps* constrói lhe permite a sustentação de sua posição em Roma além de outros mecanismos propagandísticos que o mesmo utiliza os

---

<sup>90</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY. Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007. Pág. 105.

<sup>91</sup> GRIMAL, Pierre. O Século de Augusto. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 18.

<sup>92</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY. Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007. Pág. 106.

quais não são parte do objetivo desta pesquisa de analisar. Porém Augusto parece ter consciência de que sem uma imagem confiável, não conseguiria permanecer no poder.

Com a junção de todos os elementos propagandísticos, a imagem que Augusto construiu, ou mandou construir de si próprio, foi sendo divulgada por toda extensão territorial romana. Com isso as ideias e ideologias foram sendo propagadas. Deste modo o poder de Augusto vai sendo mais bem elaborado perante a sociedade. A *auctoritas*, poder conquistado através do respeito dos súditos para o governante, vai sendo efetivada.

A *auctoritas* garante ao soberano o governo com poucas restrições no sentido de haver oposição. Com a legitimidade da *auctoritas* o soberano tem a liberdade de tomar as decisões que julga pertinentes para o seu território. Esta *auctoritas* só foi conseguida por Octávio Augusto através da intensa elaboração de uma imagem que permitiu o depósito da confiança da população para com o *princeps*.

Esta confiança irá garantir a Augusto a soberania de Roma, inclusive pelo depósito por parte do Senado dos mais importantes títulos governativos de Roma. Esta imagem de um *princeps* virtuoso, um homem político que se preocupa com a sua população garante a legitimação de sua *auctoritas*.

Em geral, os cidadãos comuns, a plebe<sup>93</sup> utilizava muito pouco das virtudes políticas. Portanto, Augusto volta-se para a *nobilitas* para que a mesma seja o sustentáculo principal de seu governo, apresentando a imagem de defensor da República e do povo também para a plebe romana, sendo assim não enfrentaria grandes problemas. Como já foi abordado, o homem político deve ter e aparentar as virtudes políticas provenientes do mundo grego. Deste modo Augusto elabora a sua imagem a partir desta perspectiva, buscando sempre uma aceitação por parte dos cidadãos romanos, mas, sobretudo, da *nobilitas*, ou seja, da aristocracia de Roma, pois é nela que o seu governo está centrado.

Esta imagem será bem recebida pela aristocracia romana, visto que a mesma irá delegar todos os poderes a Octávio Augusto, e abrir mão de decisões, colocando-as na

---

<sup>93</sup> Entendemos por plebe, aqui nessa pesquisa parte da sociedade econômica de baixo poder aquisitivo e com grandes restrições a sua participação na política republicana e também do principado.

mão do mesmo, por julgar que um indivíduo detentor de uma grande imagem, de virtudes políticas, defensor de seus ideais e ainda por cima ser proveniente da mais alta tradição romana, a do mito fundacional, seria o mais adequado a governar Roma.

A imagem de Augusto está, portanto, intimamente ligada a *Auctoritas*, não somente no caso do *princeps*, mas é uma prática que é recorrente desde os tempos gregos, e continuará, de acordo com seus contextos específicos e transformações ocorridas, em momentos posteriores

“É difícil dizer qual foi o melhor: o resultado ou a intenção. Manifestando tal propósito por várias vezes, também o atestou pelas palavras encontradas em certo dito seu: “de tal modo seja-me permitido manter a República sã e salva em suas bases e colher-lhe o fruto procurado, que me digam ser o fundador do melhor regime, morrendo leve comigo a esperança que não de permanecer em seus próprios eixos os fundamentos da República que terei estabelecido”. Ele próprio se fez cumpridor de sua promessa com toda sorte de esforços para que ninguém degradasse a nova situação.”<sup>94</sup>

### **1.7 A eternidade de um Principado**

Ainda que tenha construído todo um aparato propagandístico, o *princeps* conhecia a vulnerabilidade de sua posição e também de seu sistema governativo. As dúvidas com relação à continuidade do principado possivelmente deve tê-lo assombrado por vários anos. A continuidade era incerta tanto como o modo com que ela seria estruturada. Era necessária uma previsão, organização e planejamento para um futuro, quando o mesmo já não estivesse mais presente.

Com esse objetivo, acreditamos, que Augusto tenha elaborado o seu documento máximo, a *Res Gestae Divii Augusti*, que é considerado um documento com finalidade póstuma, pois foi apenas após a sua morte que o documento foi publicado, em duas placas de bronze, uma a ser fixada em Roma sob o seu túmulo e outra nas províncias orientais como a cidade de Antioquia.

---

<sup>94</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Pág. 70.

O tipo desta fonte ainda é questionado por historiadores bem como os literatos, pois não há um consenso se ela é uma fonte literária, autobiográfica ou mesmo um documento de prestação de contas de todo o seu governo. Acreditamos que a *Res Gestae* seja um mesclado entre as duas últimas opções, de uma obra autobiográfica que também serve de prestação de contas de seu principado, entretanto imaginamos que vá, além disso. Acreditamos que ele tenha elaborado este documento também para justificar e legitimar o seu poder para assim o seu sistema perpetuar através de seus herdeiros e escolhidos.

Ao longo de todo o documento Augusto preocupa-se em repassar uma imagem positiva e legitimadora do poder que exerceu trilhando os seus passos na carreira política e demonstrando principalmente que o povo romano, acima de tudo, contribuiu para que ele estivesse ali, bem como os seus títulos que lhe foram dados. Nesse sentido ele tenta estabelecer uma imagem de defensor dos ideais republicanos, bem como de um *princeps* justo.

Através das leituras sobre o documento acreditamos que Augusto tinha noção que havia criado algo novo, e havia planejado isto desde seu ingresso na política romana, no entanto, não tinha noção de que se tornaria um Principado. Observa-se ainda na fonte que a todo o momento ele tenta se caracterizar como um defensor dos ideais republicanos, e jamais diz que seu poder é soberano ou ainda que detivesse algo parecido como a *potestas* de um monarca ao estilo helenístico.

Ao longo de toda a fonte ele deposita no povo a sua *auctoritas*, e diz que suas vitórias foram pelo povo romano, ele estava no poder para guiar o povo novamente à República. Também escreve que muitos títulos que lhe foram oferecidos ele teve de recusar, principalmente o título de Ditador e também o de *Pontifex Maximus* até que o seu ocupante viesse a falecer no caso M. Lépido. Em seguida apresento a inscrição XXXIV da *Res Gestae*:

“ Eu extingui as chamas da guerra civil depois de receber por consenso universal o controle absoluto dos assuntos, eu transferi a república do meu controle para a vontade do Senado e do povo romano. Por esse serviço, para minha parte foi dado o título de Augusto por decreto do Senado, e do umbral de minha casa foi coberto de louros em ato público, uma coroa cívica foi



fixada sobre a minha porta, um escudo foi colocado na Curia Julia ao qual a inscrição atestava que o senado e o povo romano me davam em reconhecimento do meu valor, da minha clemência, da minha justiça e de minha piedade.”<sup>95</sup>

Otávio Augusto elabora essa concepção política através das virtudes que ele mesmo apresenta nessa fonte, e de como ele apresenta um *princeps* virtuoso defensor da república e da opinião romana. As duas principais virtudes a serem analisadas serão a *pietas* e a *clementia*, que também aparecem na obra

“Muitas vezes fiz guerras civis e externas, na terra e no mar por todo o mundo, e, vencedor, poupei todos os cidadãos que pediam clemência.”<sup>96</sup>

Otávio Augusto, portanto, elabora esse documento principalmente para poder cristalizar o Principado, e que assim o escolhido por ele pudesse obter a *auctoritas* que seria necessária para administrar a sua posição. O *princeps* se apresenta como o homem mais preparado, e que deve todo o poder concedido a ele ao povo e as elites romanas, afirmando que sem elas não teria sido possível a restauração da tradição republicana. Afirma também que ele não se encontra acima de nenhum outro de seus companheiros devido à *potestas*, mas sim devido à *auctoritas* que a ele foi concedida pelos cidadãos e povo romano

Atestava a inscrição do escudo que o senado e o povo romano o davam a mim pelo valor, clemência, pela justiça e pelo senso do dever. Depois disso vi-me a frente de todos pela autoridade, mas nenhum poder tive a mais do que meus outros colegas também investido de cargos.”<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924. Pág.399 . Tradução livre por Rafaela Trentini: “ In had extinguished the flames of civil war after receiving by universal consent the absolute control of affairs, I transferred the republic from my own control to the will of the senate and the Roman people. For this service on my part I was given the title of Augustus by decree of the senate, and the doorposts of my house were covered with laurels of public act, and a civic crown was fixed above my door, and a golden shield was placed in the Curia Julia whose inscription testified that the senate and the Roman people gave me this in recognition of my valour, my clemency, my justice and my piety.

<sup>96</sup> AUGUSTO, Caio Otávio. Feitos do Divino Augusto. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2007. Tradução de Matheus Trevizam e Antônio Martinez de Rezende. Pág. 128

<sup>97</sup> AUGUSTO, Caio Otávio. Feitos do Divino Augusto. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2007. Tradução de Matheus Trevizam e Antônio Martinez de Rezende. Pág. 138.

Augusto tem a sua imagem difundida ao longo de vários séculos, através de diferentes autores romanos como Veleio Paterculo, Sêneca, Plínio, o Jovem, Suetônio e também posteriormente como Isidoro de Sevilha. Para tanto escolhemos também indicar Suetônio, pois o mesmo em muito se assemelha a uma visão que possuía o objeto deste trabalho, Veleio Paterculo.

Esta obra foi utilizada nesta investigação para entender como a imagem de Augusto irá perpetuar-se nos séculos seguintes a sua morte. Para isso escolhemos Suetônio, que escreve esta obra no começo do século II d.C, e propõe uma obra para contar a História dos Doze Césares que haviam até então.

Deste modo, no capítulo dedicado a Augusto, o autor o referenciará como o Imperador exemplo, ou seja, o modelo de governante que deve ser seguido por todos os outros que vieram e que poderiam ainda vir. Para isso Suetônio faz uma intensa busca sobre a vida de Otávio, recorrendo a documentos deixados pelo mesmo, ou ainda a tradição oral sobre a sua família. Suetônio busca principalmente estabelecer relações patrícias para Otávio.

O autor irá dar contornos sagrados a Augusto, mas principalmente exaltando os seus bons feitos e o seu caráter virtuoso, sempre buscando o bem comum romano. Em suma, Otávio, para Suetônio era o modelo de Imperador a ser seguido por todos os outros que viessem depois dele. Ele ainda apresenta que Augusto em alguns momentos, teve de usar a violência pensando no bem maior, mas ainda assim possuía as virtudes da *clementia* e da *pietas*, buscando sempre uma *concordia* com os seus inimigos e a aqueles que jurassem lealdade a Roma. Ou seja, Augusto era o *princeps* mais bem preparado para levar os romanos à glória buscando sempre a *pax*.

“Não levou a guerra a povo algum sem causas justas e necessárias, e a tal ponto esteve alheio ao desejo de aumentar de modo algum o seu poder ou a sua glória militar, que obrigou os príncipes de algumas nações bárbaras jurarem no templo de Marte Vingador que lhe permaneceriam leais dentro dos limites da paz que rogavam.”<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Pág. 65

O autor ainda irá estabelecer uma admiração por parte de Augusto a Alexandre Magno, onde o *princeps*, em frente aos restos mortais do famoso rei macedônico, faz homenagens a este, no entanto Suetônio deixa bem claro que Otávio não pretendia ser um monarca, mas que se espelhava no mesmo.<sup>99</sup>

Da mesma forma que Virgílio, Suetônio irá ligar Augusto às tradições sagradas romanas, e a uma linhagem baseadas nos mitos fundadores romanos. Mas mais do que isso, o autor defende que o Senado gostaria de lhe dar o título de Rômulo, pois além de pertencer à família do fundador da cidade de Roma, o próprio Augusto teria fundado uma nova Roma, ou seja, com um novo modo de se governar, modo este que seria declarado como a glória romana, e como o autor também afirma, que o *princeps* conquistou regiões jamais pensadas em conquistar anteriormente. Desta forma, além de virtuoso, Augusto é vitorioso e sagrado.

“Em seguida assumiu o cognome de Caio César, e ainda o de Augusto, por um legado de seu tio mais velho, outro por resolução de Munácio Planco: julgando alguns convir que fosse chamado de Rômulo, como se ele próprio fosse também o fundador da Cidade, prevaleceu que seria preferivelmente chamado de Augusto.”<sup>100</sup>

Acreditamos então que o conjunto de fatores que delineiam a construção da imagem de Augusto, e também de seu principado contribuíram para a consolidação deste sistema governativo e que dessa forma, foi então permitido a Augusto indicar um herdeiro através da *adoptio*<sup>101</sup>, tornando então Tibério o próximo *princeps* do Principado Romano.

---

<sup>99</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Pág. 85

<sup>100</sup> SUETÔNIO. A vida do divino Augusto. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. Pág. 56.

<sup>101</sup> Costume romano em escolher o herdeiro não necessariamente através de uma relação consanguínea, mas sim por interesses uni ou bilaterais.

## 2. OPTIMUS PRINCEPS

### 2.1 Marcus Velleius Paterculus

Velleio Paterculo (tradução para o português) é o autor de *Histórias Romanas*, fonte que utilizamos para analisar a influência no estabelecimento do *principado romano* em meados do século I d.C. O autor desta obra foi um romano proveniente da ordem equestre<sup>102</sup>, inclusive servindo tanto na cavalaria de Augusto como de Tibério, teve uma rápida ascensão política, onde entra para a aristocracia senatorial em poucos anos. Durante o governo de Augusto teria desfrutado de uma posição confortável assumindo algumas magistraturas, sendo inclusive um *candidati caesaris* a magistratura de Pretor<sup>103</sup> ou seja, foi um participante intenso na política de dois príncipes, deste modo, sua produção tinha o interesse de resgatar uma imagem positiva de ambos os *princeps*, e portanto, construir uma memória com objetivos específicos,

[...] se ocupou, em primeiro lugar, de uma reorganização de comícios que o divino Augusto deixou escrita por sua mão. Nesse momento, a mim e a meu irmão como candidatos de César, nos correspondeu ser eleitos a pretores[...]<sup>104</sup>

O autor seria nascido no ano de 19 e 20 a.C, mas sua participação na vida pública e política teria começado aproximadamente no ano de 2 a.C, quando o governo de Otávio Augusto estaria, de certa forma, já estabilizado<sup>105</sup>, e assim foi se aproximando do círculo pessoal do *princeps* e conquistando o seu espaço dentro da política romana.

Depois de finalizar meu serviço militar próprio de cavaleiro, fui designado questor e, sem ser, no entanto Senador, fui elevado ao nível dos senadores, inclusive dos que foram designados tribunos da plebe; fui de Roma para entregar a seu filho uma parte do exército que me confiara Augusto. Depois da questura

---

<sup>102</sup> Ramo militar relacionado a cavalaria, em Roma tinham uma boa reputação e socialmente estavam mais próximos da aristocracia.

<sup>103</sup> SUMNER, G.V. The Truth about Velleius Paterculus: Prologomena. Harvard Studies in Classical Philology. New York, v. 74, 1970. P. 274 - 275

<sup>104</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág. 124.(Tradução livre por Rafaela Trentini)

<sup>105</sup> Utilizamos a palavra estabilizado, entretanto queremos deixar claro que o governo de Augusto, até 14 d.C, ano da morte do *princeps* não foi totalmente estável, pois o mesmo sempre teve de garantir político e militarmente uma estabilidade ilusória.

declinando eu a sorte de uma magistratura provincial, Augusto me enviou novamente para servir como legado no exército de Tibério.<sup>106</sup>

De acordo com Alain M. Gowing<sup>107</sup>, Paterculo explora muito a questão do *mos maiorum*<sup>108</sup>, ou seja a tradição romana, utilizando-a sempre como exemplo de superioridade do passado. Para o autor, Paterculo utiliza sempre o standart e o modelo republicano de passado, de maneira que o apresenta de uma forma bajulatória em relação à tradição. Gowing também defende que as análises de Paterculo em geral são superficiais, pois o vem apenas como um autor renegado a um papel propagandístico e bajulatório de Tibério e Augusto, sem compreender a complexidade de sua obra. Deste modo sua obra não teria apenas um caráter enaltecendor sem nenhuma profundidade histórica.<sup>109</sup>

Sua obra compreende desde a fundação de Roma até aproximadamente 29 d.C, e se comparado a outros autores de seu momento, Veleio é considerado otimista em relação, por exemplo a Tácito, no que se refere ao principado.<sup>110</sup> Naturalmente isto se deve aos seus momentos históricos distintos, Paterculo vive os principados de Augusto e Tibério, ainda nesse momento, por mais conturbado que pudesse parecer, ainda era considerado uma continuação da *Res Publica* romana. Veleio não argumentava como principado, mas sim uma restauração republicana.<sup>111</sup>

Marco Vicínio, a quem a obra é dedicada em primeira mão e Tibério foram, de acordo com Sumner<sup>112</sup>, os protagonistas da ascensão política de Paterculo. Acreditamos que Marco Vicíneo tenha sido uma espécie de patrono de Paterculo, pois em sua obra, não há evidências substanciais sobre um estreito laço de amizade entre ambos. Um dos elementos que nos permite essa análise refere-se à indicatória de sua obra, a qual era pouco comum entre os historiadores de seu tempo.

---

<sup>106</sup> VELÉIO PATÉRCULO. *History of Rome*, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág.111 (Tradução livre por Rafaela Trentini)

<sup>107</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007.

<sup>108</sup> Tradição romana, definida por Maria Helena da Rocha Pereira na tabela em anexo.

<sup>109</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág. 411.

<sup>110</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág. 413.

<sup>111</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág. 413.

<sup>112</sup> SUMNER, G.V. *The Truth about Velleius Paterculus: Prologomena*. Harvard Studies in Classical Philology. New York, v. 74, 1970. P. 271

O conteúdo da obra também nos indica possivelmente que Vicíneo e Paterculo estejam ligados por uma relação de patronato, pois Vicíneo é citado poucas vezes na obra. Além disso a obra visa bem precisamente dois elementos, valorizar Augusto e Tibério e denegrir a imagem de Marco Antônio.

Infelizmente, a obra de Veleio Paterculo não está completa nos dias atuais, o primeiro manuscrito encontrado de sua obra foi em 1515 num monastério em Murbach. Encontrado por um monge beneditino próximo a Erasmo de Roterdam, foi traduzido e publicado em 1521, ao qual leva o título de *História Romana*. Em 1835 foi encontrado na biblioteca da Universidade da Basileia (Suíça), sendo a única remanescente nos dias de hoje. O início da obra, segundo Sánches Manzano<sup>113</sup> foi perdido com o tempo.

Sendo assim o vínculo com os *princeps* Augusto e Tibério é bastante forte, o que influencia diretamente na redação de suas obras e ,portanto, criando uma memória tal como foi definida por Le Goff, a critério e interesse do indivíduo que a criou. Paterculo produz suas obras em um contexto bastante complicado na história romana, Augusto já era falecido e o seu sucessor Tibério foi nomeado *princeps*, entretanto, este passava por uma intensa crise política, onde o povo romano bem como a aristocracia senatorial não aceitava a ascensão política do mesmo, muito em decorrência de suas atitudes, as quais eram antagônicas as do *princeps* anterior.

A sucessão de Augusto já era um assunto complicado e discutido ainda em vida, pois o mesmo não possuía herdeiros de sangue vivos, e através da prática da *adoptio* Tibério se torna o seu sucessor, embora não fosse muito do gosto de Augusto. Tibério não seria o governante com a mesma *auctoritas* de seu pai adotivo, em muitos momentos de seu governo houve contestações e revoltas significativas que prejudicaram a sua imagem perante o Senado romano e também ao povo. Tibério, segundo Pierre Grimal<sup>114</sup> ficaria conhecido como um tirano perverso e sanguinário desde o seu princípio.

Tibério não consegue a mesma *auctoritas* que Augusto e tem a sua imagem bastante negativada pela história senatorial. Basicamente seu governo foi marcado pela complicada relação que teve com o senado romano, que em diversos momentos utilizava o próprio Augusto como meio de comparação para com o *princeps* Tibério, muito embora o mesmo tenha tentado durante seu governo, estabelecer uma relação

---

<sup>113</sup> SÁNCHEZ MANZANO, Maira Assunción. Introdução. In: VELÉIO PATÉRCULO. História Romana I. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001. p.10.

<sup>114</sup> GRIMAL, 1993: 85

mais amistosa com a casa senatorial. Inclusive seguindo o conselho de seu pai, ao dar um maior apoio e legitimidade ao senado.

Veleio Paterculo, então, está inserido em um contexto bastante conturbado da história romana, que foi o início do Principado. Viveu o suficiente para participar, analisar e descrever em sua obra os principados de Augusto e Tibério, dois ícones de Roma. Portanto, a sua contribuição, principalmente para o objeto em questão nesse estudo é imprescindível para compreender a importância de sua obra para a configuração política de seu momento.

Conforme apontamos na introdução deste trabalho, acreditamos que a obra do presente autor, tem um caráter bastante específico, uma história, e, portanto, prevê, teoricamente, uma oficialidade dos fatos. E como o autor bem aponta em sua obra como sendo um grande admirador e leitor de Cícero, utilizava-se da máxima de seu ídolo : *historia magistra vitae*<sup>115</sup>, conceito que simplificarmente quer dizer que a história é a mestra da vida aliada com a questão do *mos maiorum*, ou seja a preservação da tradição, também pregada por Cícero. Em poucas palavras Cícero quer dizer que o homem pode aprender com a História e deve preservá-la.

Seguindo esta linha de pensamento, acreditamos que Paterculo utiliza-se desta máxima ao iniciar o projeto de escrita de sua obra, que tinha um objetivo bastante específico além de ser apenas dedicado a Marco Vicínio<sup>116</sup>, mas sim de ensinar ao *princeps* Tibério o passado de forma legitimadora. Dessa forma, em princípio, Tibério deveria aprender com as ações de Augusto, que é apresentado em sua obra como o máximo exemplo positivo para o *princeps*, mas também apresentando o exemplo negativo, ou seja, aquele que jamais deveria ser seguido por Tibério, Marco Antônio.

## 2.2 *Imperator Dominus Mundi*

O Principado Romano é um tema intensamente debatido entre a academia historiográfica, de diversas formas e também por diversas correntes. Acreditamos, porém, que se faz necessária uma breve introdução contextual sobre o cenário político dos séculos I a.C e I d.C, onde observamos a ascensão e governo de Otávio Augusto.

Octavio era proveniente de uma importante família romana, a dos Otávios, no entanto, também aparentada da família dos *Iulios*, a qual Júlio César pertencia. Deste

---

<sup>115</sup> CÍCERO. *De oratore*, II. Cambridge Harvard University Press. pag. 36

<sup>116</sup> Acreditamos que a dedicatória a Vicínio tenha sido apenas um subterfúgio retórico para que a obra não fosse diretamente dedicada ao *princeps* Tibério.

modo observa-se que ele descendia de duas importantes famílias romanas. Sua educação foi provida por seu tio avô César, que também lhe ensinou algumas táticas militares, mas, sobretudo o jogo político. Segundo o próprio Veleio Paterculo o jovem Otávio descende de uma notável família equestre.

Sobre a origem de Otávio eu devo dizer algumas palavras, mesmo que a explicação venha antes de seu lugar apropriado. Caio Otávio, seu pai, não provinha de um nascimento patricio, era descendente de uma bastante proeminente família equestre, e o próprio era um homem de dignidade [...] <sup>117</sup>

No entanto, apenas após a morte de César é que Octávio, ainda com 17 anos, começa a aparecer no cenário político romano, o qual passava por uma intensa crise após o assassinato do ditador. Neste sentido o aparecimento de Octávio, neste momento representa uma tentativa de manter o poder de César em Roma, aliando-se com Marco Antônio, general e braço direito de César e a M. Lépido, também general do último ditador.

Após o fatídico assassinato de Júlio César, instaurou-se uma intensa crise, qual seria o destino da República após a morte de seu ditador? Aos conspiradores, os *optimates* <sup>118</sup>, acreditavam que iriam conseguir restaurar a República tal como ela foi antes de César, onde o Senado iria reconquistar o seu poder e não permitir mais uma a posse de apenas um indivíduo no poder. No entanto, de acordo com Norma Musco Mendes <sup>119</sup> já não era mais possível uma restauração republicana, visto que a mesma já não tinha forças o suficiente para tal. A autora defende que o início da derrocada da República deu-se início após a morte de Tibério e Caio Graco

“As crises recorrentes que sucederam os conflitos políticos suscitados pelas tentativas de reforma agrária dos Graco liberaram todas as forças que caracterizaram o processo de desagregação do sistema republicano, tais como individualismo x coletivismo, ou seja,

---

<sup>117</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág.177 (Tradução livre por Rafaela Trentini)

<sup>118</sup> Partido político romano que julgava-se mais conservador em relação as tradições romanas e republicanas (oligarquia senatorial).

<sup>119</sup> MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (orgs.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006.



impossibilidade das instituições republicanas preservarem o interesse da *Res publica* ante os interesses privados, cisão no seio da elite romana cujas divergências se manifestavam na luta pelo exercício do poder.”<sup>120</sup>

Por outro lado, o partido dos *populi*<sup>121</sup> buscava impedir que o poder fosse retomado pelos *optimates*. Sendo assim, em meio ao funeral de César, ao qual os *optimates* anunciavam que a sua morte era o fim de uma era tirânica, Marco Antônio apresenta em público o testamento deixado por César, no qual o mesmo deixava de herança ao povo romano parte de seu patrimônio pessoal, e o responsável por distribuir o seu dinheiro seria seu sobrinho-neto Octávio Augusto. Este ainda seria declarado por César o herdeiro de toda a sua fortuna, mas também de seu poder. Neste ínterim os conspiradores do ditador são apontados como assassinos não de um tirano, mas de um soberano que buscava o bem estar de seu povo.

Deste modo o jogo político acaba invertendo a favor dos *populi* e contra os *optimates*, que em meio à fúria popular fogem com suas legiões para fora da Península Itálica em direção à região da Britânia. É neste cenário político que Octávio Augusto, em 44 a.C quando chega a Roma, começa a aparecer perante a sociedade romana, criando importantes vínculos com os dois partidos, mas principalmente com o povo, que lhe transferiu a legitimidade de César.

Uma de suas primeiras atitudes foi aliar-se com diversos personagens importantes, e o principal deles foi Cícero, líder dos *optimates* e o maior defensor da República. Alia-se a Cícero para conseguir fazer frente a Marco Antônio, pois necessitava de uma grande aliança política. No entanto, sua aliança com Cícero era muito frágil, pois sua posição era dúbia em relação a qual partido ele iria apoiar, se era o dos *optimates* ou o dos *populi*. Seu posicionamento, portanto, foi o de jogar politicamente com os dois lados, sem firmar-se efetivamente com nenhum, fazendo

---

<sup>120</sup> MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (orgs.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006. P. 22

<sup>121</sup> Partido aristocrático, no entanto possuía alguns ideais que procuravam beneficiar as camadas mais populares. Temos como exemplo Júlio César, que era adepto das ideias dos irmãos Graco, e que proporcionou algumas distribuições de terras, principalmente para os legionários nas regiões conquistadas por eles.

assim uma política que agradasse a ambos, para assim conquistar a confiança do povo romano, mas, sobretudo, da casa senatorial.

Em 27 de novembro de 42 a.C Otávio, Marco Antônio e Lépido formam o Segundo Triunvirato, que ao contrário do primeiro, possui um caráter oficial perante o Senado, onde o poder romano ficava dividido em três indivíduos. Juntos eles declararam que os conspiradores de César eram assassinos, e por sua vez inimigos da República. Deste modo iniciaram uma intensa busca por Cassius e Brutus, principais líderes da conspiração. Ambos são derrotados e mortos durante as batalhas, e assim o partido dos *optimates* fica enfraquecido perante o dos *populi*. O último grande representante da oligarquia senatorial era Cícero, que possuía uma situação delicada na política romana, visto que Antônio e Lépido eram contrários a mantê-lo vivo, somente Otávio o defendeu durante determinado tempo.<sup>122</sup>

Cícero apoiava Otávio, pois acreditava que o jovem rapaz era a salvação da República, e também contribuía para a ambição do mesmo em derrotar Antônio.<sup>123</sup> O senador convence o Senado e o povo, através de seus discursos designados Filípicas, de que Marco Antônio era uma ameaça para a ordem republicana, tornando-se urgente uma guerra “justa” contra ele, na qual a participação de Otávio como herdeiro de César era bastante significativa. Pensou encontrar um aliado seguro para a sua causa senatorial.<sup>124</sup> No entanto, com a formação do Triunvirato, Cícero perde o apoio de Otávio, e o mesmo permite que Antônio tire a sua vida. Deste modo elimina-se o grande defensor dos ideais republicanos deste século I a.C.

Após a anulação da posição de Lépido por traição, declarada por Otávio, o mundo romano acabou dividindo-se em dois, e assim, como já era difícil manter o equilíbrio divididos entre três indivíduos, o panorama político complica-se ainda mais. Desde o princípio, Antônio e Otávio formaram uma aliança demasiadamente volátil, e qualquer impasse colocaria em risco a mesma. A irmã de Otávio, Otávia casou-se com Marco Antônio para simbolizar a aliança entre ambos. No entanto, com a presença de Antônio no Oriente, o abandono de Otávia e o relacionamento do mesmo com a rainha do Egito, Cleópatra a frágil aliança é quebrada.

---

<sup>122</sup> A atitude de defesa de Cícero foi louvada por Veleio Paterculo, que tinha em Cícero uma grande admiração.

<sup>123</sup> A antipatia de Paterculo por Antônio provinha, também, da inimizade entre Cícero e o triúmviro.

<sup>124</sup> MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (orgs.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006. P. 24.

Deste modo inicia-se então um grande embate pelo poder. Octávio na parte ocidental declarava-se o defensor e continuador dos ideais republicanos, enquanto que Antônio seria considerado o traidor que se aliou com uma monarquia oriental, e que assim pretendia destruir a República romana transformando –a em uma monarquia Helenística.<sup>125</sup> Enquanto isso, o outro triúviro alegava, no Egito, que o verdadeiro herdeiro de César era o filho que ele havia tido com Cleópatra, Cesário.

A sociedade romana não aceita a declaração de Antônio na questão da legitimidade de Cesário, pois, na cultura romana não era prática comum e necessária à questão da hereditariedade como uma legitimidade para assumir a herança de seu pai, muito menos cargos políticos. Isto devido a uma tradição de que o homem sempre escolhe o melhor para administrar suas heranças, e não apenas o seu filho legítimo, se o mesmo não tivesse capacidade para tal, o homem adotava outro filho que julgasse competente e merecedor desta herança. A *adoptio* não estabelece apenas a meritocracia, mas também, em muitos casos, era movida por interesses políticos para as partes. Desta forma a afirmação de legitimidade de Cesário era pouco consistente para a sociedade política romana

Atacando as atitudes de Marco Antônio e enfatizando a ameaça de orientalização de Roma, Octávio obteve a aderência da aristocracia romana e da população da Itália. Tal situação foi muito conveniente. Em 32 a.C seus poderes de triúviro, assim como os de Marco Antônio, terminariam. Era um momento decisivo, pois ambos retornariam à vida privada. Explorando a posição comprometedora de Marco Antônio, Otávio pedia a unidade romana, se colocando como o defensor da tradição contra a ameaça de dominação Oriental. Para provar as intenções de Antônio, Otávio divulgou as chamadas Doações de Alexandria. Ganhou a opinião pública e deflagrou um verdadeiro golpe em Marco Antônio, que lhe assegurou a sanção nacional e a

---

<sup>125</sup> Pretendemos aqui deixar claro que a visão das fontes não necessariamente relatavam a real intenção de Antônio, pois os documentos aqui analisados são partidários de Augusto, e sendo assim, arbitrários, representando apenas uma visão do acontecimento.

manutenção de seu comando militar para salvar Roma do Leste.<sup>126</sup>

Em 31 A.C ocorre a Batalha do Ácio (*Actium*), nas proximidades do Egito, onde Marco Antônio e Cleópatra são derrotados em uma batalha naval. Marco Antônio suicida-se ao deparar-se com a possibilidade de entrar como um prisioneiro em Roma. E Cleópatra que tenta conquistar Otávio para salvar-se, sem sucesso, suicida-se também. Agora Octávio era o único homem no poder romano

“A versão oficial justifica essa guerra como justa, caracterizada como a defesa da liberdade e da paz contra um soberano inimigo, romano degenerado que tentava subjugar a Itália e o Ocidente sob o governo de uma Rainha Oriental. Ácio representou o choque entre as forças do herdeiro de César, do Senado, do povo e dos deuses de Roma contra uma Rainha e os deuses do Nilo, e conseqüentemente afastou a ameaça de orientalização tão temida pela aristocracia romana, pois significava um regime político nos moldes de uma monarquia helenística.”<sup>127</sup>

Com a vitória sobre Antônio, Octávio conquista a imagem de restaurador da República e da liberdade (*vindex libertatis*). Deste modo, essa posição o afastava de uma ditadura e de uma imagem tirânica, a qual César havia recebido. Desta maneira consegue a legitimidade necessária para permanecer no Consulado sem objeções por parte do Senado, da Aristocracia e do povo romano e lá permanece até o ano de 27 a.C

Aos dezenove anos levantei um exército por minha própria iniciativa e custas. Eu restaurei a liberdade para a República que vinha sendo oprimida por um tirano e por uma facção.”<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (orgs.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006. P. 25.

<sup>127</sup> MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (orgs.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006. P. 25.

<sup>128</sup> AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924. Pág.347. “At the age of nineteen, on my own initiative and my own expense, I raised an army by means of which I restored liberty to the republic, which had been oppressed by the tyranny of a faction.”

Neste mesmo ano de 27 a.C Octávio percebe que a sua presença no poder torna-se imprescindível, bem como a sua figura tornou-se indispensável para todos, caracterizando-se mais em uma relação de dependência do seu poder, mas também pela admiração e o respeito que o mesmo possuía para com o povo romano. Sendo assim, em uma inteligente estratégia política, Octávio convoca uma reunião extraordinária no Senado, onde o mesmo planeja devolver todos os seus poderes ao Senado e ao povo romano.

Nesta sessão Octávio abdica de todos os seus poderes e os devolve para o Senado Romano a fim de colocar em prática o que ele vinha elaborando, a imagem de defensor da República. O Senado, por sua vez, instantaneamente recusa e ainda pede para Octávio que permaneça no poder por mais tempo. O mesmo ainda tenta negar, mas o Senado insiste, afirmando que esta também era a vontade do povo romano. Ainda lhe oferece novos poderes militares e administrativos, que estavam representados através dos títulos de *imperator* (chefe militar) e *princeps* (primeiro cidadão/ primeiro senador).

É neste momento que se caracteriza o início do Principado Romano. Três dias mais tarde Octávio recebe ainda o mais importante título de sua carreira política, o de Augusto, que significava um ser sagrado, título aplicado anteriormente apenas aos deuses. Este título irá conferir ao agora chamado *Gaius Octavius Julios Caesar* (Caio Octávio Júlio César) uma sacralidade e uma legitimidade perante todo o povo romano e a aristocracia senatorial, proporcionando que o Principado seja efetivo e que o mesmo torne-se um soberano. O principado de Augusto irá durar até 14 d.C, ano de sua morte, mas também sobreviverá por séculos. Sua obra foi duradoura e forte por muito tempo, depois ficaria conhecida como Império Romano.

Seu sucessor, como já foi abordado anteriormente foi Tibério Cláudio Nero, seu filho adotivo, que já assume o governo com certa idade 55 anos. Como já fora dito anteriormente, seu governo não tem o mesmo reconhecimento tal qual o de Augusto, e assim Tibério enfrenta uma forte oposição contra sua pessoa. O *princeps* ao contrário de Augusto não conquista a afeição do povo tal como seu antecessor, porém mantinha certo respeito.

Tibério foi proveniente de uma família de origem plebeia por parte de sua mãe Lívia, de acordo com Suetônio<sup>129</sup>, muito embora sua família tenha sido honrada com oito consulados. Foi enobrecida por personagens notáveis chegando assim ao status de aristocrática. O pai de Tibério, que havia sido questor de Otávio Augusto, contribuiu para a aproximação de suas famílias.

Tibério nasceu em Roma e durante a infância teria conhecido a fadiga e o perigo até aproximar-se por laços familiares de Augusto através do casamento do mesmo com sua mãe Lívia. Em sua adolescência acompanhava Augusto em batalhas, inclusive estando no carro do *princeps* durante o triunfo de Âncio, montando o cavalo de tiro dianteiro esquerdo, enquanto Marcelo, filho de Otávio, cavalgava o da direita.<sup>130</sup>

Durante a sua juventude desposou Agripina, filha de Marco Agripa e teve dela um filho, Druso. Muito embora tenha sido obrigado a repudiá-la e desposar Júlia, filha de Augusto, tendo assim ficado bastante apreensivo, pois era bastante ligado a Agripina. Porém, ainda assim viveu longos anos com Júlia antes de o próprio Augusto a repudiá-la.

Tibério possuía o reconhecimento, de início, do próprio Augusto, tendo ocupado diversas magistraturas mesmo sem ter idade necessária para tal, atingindo assim a pretoria, a questura e o consulado. Com o grande reconhecimento que vinha adquirindo do povo, sentiu-se incomodado e partiu de Roma a fim de evitar qualquer suspeita de rivalidade com Caio e Lúcio, netos de Augusto. E assim isola-se na busca por uma vida tranquila.

Seu isolamento porém causa grande desgosto a Augusto e ao povo romano que vinha depositando confiança em sua pessoa. Após oito anos retorna, a mando de Augusto a fim de retomar sua vida pública, e assim participa de diversas campanhas militares junto ao *princeps*. Foi também lhe concedido o poder tribunício, até que após a morte dos netos de Augusto, o mesmo adota-lhe como herdeiro. Após esse fato, de acordo com Suetônio, Tibério passa a deixar de agir como um chefe de família.<sup>131</sup>

Augusto encontrava-se em desgosto por Tibério, e assim só decide adotá-lo definitivamente devido a grande insistência de sua mulher Lívia, ou ainda, como supõe

---

<sup>129</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 185

<sup>130</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 185

<sup>131</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 196

Suetônio, pela ambição de fazer um sucessor, muito embora não suspeitasse que um dia tal sucessor fosse lhe causar tanto desgosto.<sup>132</sup>

Suetônio, porém afirma que, embora Augusto, a quem denomina como o mais sábio dos *princeps*, tenha se arrependido de tomar Tibério como seu sucessor, não tomou essa decisão deliberadamente

Creio, antes, que pesados os vícios e as virtudes de Tibério, ele tivesse achado que as virtudes constituíam o maior volume, tanto que, em plena assembleia, jurou que o adotava em interesse da República.<sup>133</sup>

Com a morte de Augusto, Tibério não hesita em assumir o principado, entretanto decepciona ao povo que antes o adorava. Entra em conflito com os senadores e também enfrenta diversas revoltas populares durante o seu governo, sendo uma delas do próprio exército, na Ilíria e na Germânia, lugares que o próprio *princeps* havia ajudado a conquistar junto de seu pai adotivo.

Em certos momentos buscava afastar-se da imagem de Augusto, renegando o seu nome, apresentando-se assim apenas para reis e soberanos. Recusou o título de *imperator* e de *princeps* durante o princípio de seu governo.<sup>134</sup> Proíbe o culto cristão e também ao judaico, obrigando aos adeptos dessas religiões a atirarem ao fogo suas vestes religiosas. Reprime também com extrema severidade motins populares, e assim inicia uma grande repressão ao povo romano. Dificilmente ausentava-se de Roma, porém quando perde seus dois filhos, Druso e Germânico retira-se para a Campânia e não retorna mais a Roma até sua morte. Em sua ilha abandona os assuntos políticos de Roma. E assim, de acordo com Suetônio, deu início a todos os vícios que mal dissimulara durante muito tempo, incluindo a promiscuidade.<sup>135</sup>

A partir destes fatos Suetônio descreve o *princeps* apenas de forma negativa afirmando que não pagava os salários de seus companheiros, não erigiu nenhum monumento importante ou suntuoso. Com o atraso do pagamento dos senadores, Tibério perde o apoio dessa instituição. Por duas vezes apenas teria sido generoso com o povo, entretanto não teria cumprido o testamento de Augusto de acordo com o que foi

---

<sup>132</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 199

<sup>133</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 200

<sup>134</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 204

<sup>135</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 214.

determinado pelo antigo *princeps*. Tinha grande afeição por Sejano, muito embora suas legiões não simpatizassem com o mesmo.

Abandona sua ex-esposa Júlia a miséria, não lhe concedendo o pecúlio determinado por Augusto. Apenas tolera sua mãe Lívia sob alegação de que a mesma reivindicara o poder em parte igual a sua. Passa assim a afastar-se de pessoas que possuíam graus de parentesco com a sua pessoa. Recomendando apenas seus netos, filhos de Germânico aos sacerdotes: Nero e Druso, os quais foram iniciados em suas carreiras militares. Suetônio passa então a descrevê-lo como cruel: “Sua crueldade, porém, revelou-se melhor ao assumir a autoridade do Império, mesmo no começo, quando procurava ganhar o favor do povo fingindo moderação.”<sup>136</sup>

Sob a cor de austeridade e de reforma moral, mas na realidade para dar vazão ao seu pendor natural, Tibério cometeu tantos e tamanhos atos de truculência e de brutalidade que vários contemporâneos, em versos, lhe censuraram o presente e lhe pediram o futuro.<sup>137</sup>

Cedo ultrapassou os limites na prática de todas as espécies de atrocidades. Não lhe faltavam alvos: primeiro perseguiu os amigos de sua mãe. Mas adiante, os dos seus netos e sua nora, por fim os de Sejano e até mesmo de seus simples conhecidos. Foi, sobretudo, após a morte desse que Tibério se mostrou mais perverso, o que serviu para demonstrar claramente que ele não estava acostumado a ser instigado por Sejano, mas que era esse que lhe fornecia as oportunidades que carecia.<sup>138</sup>

Tibério passa então a obter uma imagem bastante negativa perante todas as esferas sociais romanas, da mais alta aristocracia até os mais humildes plebeus e Roma. Em meio ao seu governo, no entanto, busca realizar uma propaganda de sua pessoa a fim de legitimar-se no poder e melhorar, no entanto a sua imagem. Porém, de acordo ainda com Suetônio, não foi eficaz pois,

Sua morte causou tanta alegria entre o povo, que, à primeira notícia, todo mundo corria pelas ruas, gritando

---

<sup>136</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 225.

<sup>137</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 226.

<sup>138</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 228.



alguns: “Tibério, ao Tibre!”. Outros suplicavam a Terra Mãe e aos espíritos que não o acolhessem à sua sombra, mas que o mandassem para o meio dos ímpios. Ainda outros ameaçavam despedaçar o seu cadáver, exasperados pela lembrança de sua antiga crueldade e das atrocidades cometidas recentemente.<sup>139</sup>

A fim de sustentar-se no poder, assim como Augusto, Tibério preocupa-se em estabelecer uma propaganda de sua imagem, como sendo um *conservatore rei publicae*<sup>140</sup>. Com relação ao seu aparato propagandístico, ao contrário do período de seu pai adotivo, Tibério não promove uma literatura de legitimação de sua imagem, sendo ela construtora de uma seguridade imagética, conforme já discutido no capítulo anterior. O *princeps* preocupa-se em promover uma literatura essencialmente de cunho histórico oficial<sup>141</sup>, fundamentada explicitamente para produzir uma memória.

Sendo assim, apresentamos de forma breve a relação contextual dos personagens históricos aqui analisados e partiremos para uma análise mais profunda da obra de Veleio Paterculo e como este autor se insere, analisa e opina sobre os fatos aqui relacionados.

### **2.3 A construção da imagem de Augusto na *História Romana***

Como já foi apresentado anteriormente, Veleio Paterculo inicia sua carreira política durante o período de Otávio Augusto e seguindo também pelo período de Tibério. Deste modo pode observar atentamente ambas as formas de governar e também as configurações de ambos os governos.

Veleio Paterculo faz uma obra de história apologética aos governos dos dois *princeps*, ao contrário do que acredita Fantham<sup>142</sup>, que diz que não se pode afirmar que a obra de Paterculo não era uma propaganda do governo de Tibério, mas sim um discurso de lealdade ao Imperador. Discordamos respeitosamente do autor, pois a obra foi patrocinada por Vicíneo que era bastante próximo ao *princeps* Tibério, bem como

---

<sup>139</sup> SUETÔNIO. A vida dos doze Césares. Rio de Janeiro: Prestígio, 2002. Pág. 240.

<sup>140</sup> Conservador da República

<sup>141</sup> Neste sentido podemos compreender a contextualidade da obra de Veleio Paterculo

<sup>142</sup> FANTHAN, Elaine. Roman Literary Culture: from Cicero to Apuleius. London: The Johns Hopkins University Press, 1996. Pág.,129

seu conteúdo não indica que o objetivo seja apenas o de adular o imperador, tal como Gowing afirma em sua obra.<sup>143</sup>

Paterculo constrói a história de Otávio e Tibério de maneira que realmente os enaltece, visto também que o mesmo está inserido no meio político de ambos. Porém a sua obra tem uma intencionalidade de construir uma memória, e partindo deste princípio, seu objetivo torna-se mais amplo, o de divulgar essa imagem para determinados grupos específicos. Sendo assim acreditamos que a partir do momento em que se constrói uma imagem, existe uma intencionalidade de divulgação da mesma, e que supera apenas a lealdade a um determinado indivíduo.

Este tipo de literatura bajulatória era bastante comum ao longo da dinastia Julio-Claudia, sendo ela mesma bastante polêmica. A construção da memória estava sempre a favor da construção de uma memória oficial, que buscava na história legitimar o principado que vinha se constituindo. Temos por exemplos de literaturas bajulatórias além do próprio Paterculo, Tito Lívio, Sêneca, Plínio, o jovem, Tácito e Suetônio.

Paterculo em sua obra *História Romana* tem grande semelhança com a tradição historiográfica de Políbio, perpassando também elementos do próprio Cícero, que embora não tenha sido um historiador propriamente dito, contribuiu de diversas formas para o pensamento da época, principalmente no que se refere ao que o autor diz “*Historiae magister vitae*” ou seja, a História mestra da vida. Fundamentalmente o que Cícero quis dizer é que o homem aprende com a História, que a sua narrativa tem o propósito de ensinar, compreender os acontecimentos passados para aprender com eles, e sendo assim, evitar a repetição dos mesmos.

O autor como foi indicado previamente constrói uma história oficial, uma memória de Roma que busca uma maior confiança pelo fato de ser, justamente uma obra de cunho histórico, e assim receber uma maior credibilidade, conforme já fora discutida a questão por Le Goff ainda na introdução deste trabalho. O gênero histórico, de certa forma, prevê uma maior credibilidade dos fatos, muito embora a história seja a construção de uma memória. Porém, mais do que uma propaganda ao governo de Tibério e de Augusto, acreditamos que a obra seja mais um indicativo, um guia ao

---

<sup>143</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág 412.

*princeps* Tibério, que como foi apresentado, não possuía uma recepção tão intensa e positiva como a de Augusto.

Esse tipo de escrita, bastante formal e com caráter histórico é bastante típico de uma literatura senatorial, pois visava descrever com maior ênfase a questão militar como também política, apresentando de forma factual, característica de seu momento. Esse estilo narrativo tem uma proximidade maior com o estilo tucidideano de fazer história, sendo uma história por excelência para a maioria dos antigos.

Etnografia, a biografia, a religião, a economia, a arte, quando mencionadas, permaneceram sempre marginais. Os historiadores mais sérios do período helenístico e muitos dos que não eram nada sérios restringiam-se a guerras e alianças.<sup>144</sup>

Esse estilo narrativo ganha repercussão também nas obras de Políbio e também pela aristocracia senatorial romana, esses últimos, segundo Momigliano, educados por Tucídides e também Políbio, e por conseguinte, naturalmente inclinados a acentuar a unilateralidade da abordagem política e militar. Uma das questões aceitas e propagadas nesse meio intelectual era a noção de verdade histórica de Tucídides.<sup>145</sup> Um dos pontos que também vale ressaltar, é que nessa literatura promovida pela aristocracia senatorial, era a intensa valorização do *mos maiorum*, da tradição romana.

De acordo com Gowing, Veleio considera o período de Tibério não tão valoroso quanto o próprio *princeps*, e por isso recupera as qualidades de grandes personagens do passado, ou seja, preza pelos exemplos<sup>146</sup>. Paterculo, portanto, resgata as virtudes de diversos personagens republicanos como Cipião Emiliano, Pompeu e Otávio Augusto. Seu estilo narrativo é bastante comparativo, fazendo paralelos entre os personagens, principalmente com o *princeps* Augusto e levando assim, o leitor a fazer uma reflexão sobre as particularidades e peculiaridades de ambos.<sup>147</sup> Neste sentido acredito que o público alvo de tais comparações e reflexões seria Tibério, devido a todo o contexto conturbado como já citado anteriormente.

---

<sup>144</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. Raízes clássicas da historiografia moderna. Bauru: Edusc, 2004. Pág 75

<sup>145</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. Raízes clássicas da historiografia moderna. Bauru: Edusc, 2004. Pág. 76

<sup>146</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág 415.

<sup>147</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág. 417.

Logo Tibério Nero, a quem agora possuía dois consulados e celebrado dois triunfos, dividindo o poder tribunicio igualmente com Augusto, os mais eminentes cidadãos romanos...<sup>148</sup>

Neste sentido o autor utiliza a história para, de certa forma, ensinar ao *princeps* Tibério as boas ações de Augusto, demonstrando-as através de um veículo histórico. Indicamos então, que a partir da premissa de Cícero, de que a história ensina, o objetivo de Paterculo, seja demonstrar a construção da imagem de Augusto para que a mesma sirva de exemplo positivo a Tibério.

Esta ideia já foi seguida no início do Principado conforme vimos no capítulo anterior. Pierre Grimal afirma que Augusto dá ênfase também a obras de cunho histórico, pois conferem uma maior legitimidade à memória. Neste sentido, em sua vida, obras como a de Salústio e, sobretudo Tito Lívio são bastante valorizadas.<sup>149</sup>

Paterculo então se utiliza deste mecanismo para demonstrar o passado e aprender com o mesmo. Um dos exemplos disso é quando o autor afirma e elogia a decisão de Tibério com relação à escolha de Sejano como sendo o braço direito do *princeps* Tibério, a exemplo de como fizera Augusto com Agripa. – “Raras às vezes os homens importantes não buscaram quem pudesse lhes ajudar a administrar os deveres que a sua posição lhe conferia.”<sup>150</sup>

Ao longo da obra, o autor dirige-se diretamente a Marco Vicínio, demonstrando os fatos diretamente a ele, como se estivesse explicando os acontecimentos a um estudante. Temos como exemplo disso a seguinte frase de Paterculo :

César, juntamente com Quintus Pedius como colega, ingressou com consulado, um dia antes de completude de seu vigésimo no dia 22 de setembro, setecentos e

---

<sup>148</sup> PATÉRCULO. History of Rome, II, London, Harvard University Press, 1924. Pág.127. (Tradução livre por Rafaela Trentini)

Soon afterwards Tiberius Nero, who had now held two consulships and celebrate two triumphs; Who had been made the equal of Augustus by sharing with him the tribunician Power; the most eminent of all roman citizens

<sup>149</sup> GRIMAL, Pierre. O Século de Augusto. Lisboa, Editora 70, 2008. Pág. 93.

<sup>150</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II, London, Harvard University Press, 1924. Pág.127. (Tradução livre por Rafaela Trentini)

nove anos após a fundação da cidade e setenta e dois anos, Marco Vicínio, antes do seu consulado.<sup>151</sup>

Acreditando, através da análise da fonte, que o intuito de demonstrar o passado para que o presente possa aprender com o mesmo, constitui no que prefiro definir como elementos embrionários de espelhos de príncipes, ou como já comentado, um manual de conduta para o *princeps*. Observaremos agora como o autor constrói a imagem de Otávio Augusto, de forma bastante idealizada, ao longo de sua narrativa.

Paterculo narra os acontecimentos de forma linear, busca no início de Roma justificar os acontecimentos de seu próprio tempo, para isso retorna e elementos gregos, bem como a Guerra de Tróia, ligando a Virgílio, que anos antes também se utiliza desse recuo temporal para legitimar mitologicamente a trajetória de Otávio Augusto, bem como do Principado que ele estava construindo. Virgílio utiliza-se muito de elementos sagrado mitológicos, algo que também aparece na obra de Veleio Paterculo, entretanto com menos intensidade. Porém Virgílio está ligado a um estilo narrativo poético, que não necessariamente precisa ter responsabilidade histórica, pois a obra também é uma construção que busca legitimar Otávio Augusto ainda durante a sua vida, ao contrário de Paterculo que possui outro objetivo.

Augusto é descrito por Paterculo de forma bastante idealizada, mas também divinizada e sacralizada. O autor tece elogios vários ao *princeps* com relação a sua conduta, moral, sabedoria, bravura e virtuosidade. “Júlio Antônio, a quem deve ser taxado de exemplo da clemência de César, tornando-se violador da vingança de sua casa com as suas próprias mãos pelo crime que cometeu”<sup>152</sup> Neste sentido descreve-o como um exemplo a ser seguido a qualquer *princeps* posterior a ele

Quando se aproximou de Roma, uma enorme multidão de seus amigos foram encontrá-lo, e no momento de sua entrada na cidade, homens viram sobre a sua cabeça uma orbe do sol em forma de círculo, colorido como um arco-íris, aparentando assim colocar uma coroa sobre a

---

<sup>151</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág. 191. (Tradução livre por Rafaela Trentini)

<sup>152</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág. 279. (Tradução livre por Rafaela Trentini)

cabeça daquele que estava destinado logo à grandiosidade.<sup>153</sup>

Ao longo de sua obra, o autor busca enaltecer Otávio Augusto de várias maneiras em sua narrativa. Paterculo em toda a narrativa opina sobre os assuntos aos quais está escrevendo, citando, inclusive, o nome de Tibério e com quais práticas o mesmo não concorda. Sua opinião política é bem definida em sua obra, pendendo sempre para o lado dos *princeps*, que apesar de estarem em outro regime, ainda, segundo a imagem que o autor elabora, protegendo os ideais republicanos. Inclusive ambos são apresentados na obra como frutos da *fortuna*, ou seja, os bons augures haviam predestinado Augusto e Tibério a grandes feitos. Naquele momento histórico em específico a predestinação era algo bastante relevante para a sociedade, pautada em uma religião que buscava prever os indivíduos e seus feitos, aqueles que se destacariam e aqueles que não, tudo isso através de oráculos e sacerdotes dos templos dos deuses. Sendo assim, aquele que era considerado um predestinado pelos deuses, seria uma pessoa em destaque. Não podemos, porém, deixar de nos questionar até que ponto esses augures eram verdadeiros ou se também não foram construções do próprio autor para que o mesmo pudesse enaltecer ainda mais a imagem dos *princeps* aqui em questão

Não há nada que o homem possa desejar dos deuses, nada que os deuses podem conceder ao homem, nada que possam desejar ou que a fortuna possa trazer, que Augusto, com o seu retorno à cidade não tenha conferido a república, ao povo romano e ao mundo. A guerra civil havia acabado após vinte anos.<sup>154</sup>

O *princeps* é apresentado de forma bastante virtuosa, sempre defendendo a justiça com relação à república, inclusive lutando contra os assassinos de seu pai, Júlio César e também contra a ameaça a soberania da república, Marco Antônio. A principal qualidade apresentada por Paterculo é a cautela de Augusto, pois o mesmo raramente tomava alguma atitude que fosse precipitada e que resultasse em falhas por sua parte.

Então inicia o consulado de Caio César que segura minha mão enquanto eu escrevo e me força a deter-me nele, ainda que eu quisesse avançar mais depressa.

---

<sup>153</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág. 179. (Tradução livre por Rafaela Trentini)

<sup>154</sup> VELÉIO PATÉRCULO. History of Rome, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág. 237. (Tradução livre por Rafaela Trentini)

Descendente da *nobilitas* família dos *Iulios*, segundo o que se pode saber, uma linhagem que precedia Anquises e Vênus. Destacou-se por sua postura perante todos os cidadãos, de grande força de caráter, muito generoso em munificência, de coragem sobre-humana, acima da natureza e do crível, pela excelência de seus pensamentos, pela inteligência na guerra[...]<sup>155</sup>

Podemos constatar, então, que Veleio, ainda que discorde de Augusto por diversas vezes, o modela como um exemplo de virtuosidade e sagacidade, e que deve ser seguido por aqueles que o sucederem. Sua opinião na obra é bastante clara, o autor sente admiração pelo *princeps*, e por suas ações. Principalmente no tocante a Tibério, quando o autor idealiza uma relação existente entre Augusto e o mesmo. Segundo Patérculo, após a morte dos dois netos do *princeps*, e também do rompimento com a sua filha Júlia, Augusto não teria hesitado em adotar Tibério Nero como seu sucessor, tornando-o Tibério César Augusto. Entusiasmo esse que não encontramos em outras obras históricas como a narrativa de Suetônio<sup>156</sup>, o qual não menciona para além de duas linhas sobre a adoção de Tibério por César.

Entendemos então que Veleio buscava atingir com a imagem construída de Augusto não a um público em geral, mas sim ao próprio Tibério. Seu trabalho funciona, então, como uma espécie de manual de conduta do *princeps*<sup>157</sup>, ou seja, um manual que possui elementos embrionários de espelhos de príncipes, justificado a partir de acontecimentos históricos, que delineados pelo próprio autor, ganha contornos específicos e carregados de opinião própria e subjetividade, com o intuito de enaltecer ambos os *princeps* e assim possivelmente guiar, por um caminho menos tortuoso as atitudes de Tibério, as quais, conforme já citamos anteriormente, não vinham sendo amplamente aceitas tanto pela oligarquia senatorial, como por parte do *populus* romano.

## 2.4 A construção da imagem a partir da negatividade.

---

<sup>155</sup> VELÉIO PATÉRCULO. *History of Rome*, II. London, Harvard University Press, 1924. Pág. 235 (Tradução livre por Rafaela Trentini)

<sup>156</sup> SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

<sup>157</sup> Definimos como manual de conduta uma obra que indica as ações que um determinado governante deve tomar para o exercício de um bom governo, esse geralmente vem acompanhado de exemplos relacionados ao passado. Deixamos claro que o manual de conduta que observamos na obra de Patérculo não está relacionado ao famoso estilo literário de meados da Idade Média, conhecido como Espelhos de Príncipe.

O estilo narrativo de Paterculo , como já foi dito possui grande juízo de valor, principalmente devido ao seu contexto, pois o autor busca elementos, que geralmente eram contrários aos *princeps* aos quais ele teve convívio, que neste caso eram o próprio Otávio Augusto, mas também e principalmente de Tibério.

Os juízos de valor, portanto, recaem principalmente em Marco Antônio, inimigo direto de Otávio Augusto durante a época da instabilidade política e do Triunvirato. Buscava assim denegrir a imagem do antigo triúviro a fim de evitar possíveis aliados e vingadores de Antônio e justificar que as virtudes estavam ligadas ao *princeps* Otávio, e que assim a *iustitia* augusta tinha perpassado a geração e agora encontrava-se em Tibério.

“Depois, contudo, Antônio se mostrou diversas vezes aos soldados de Lépido, e sendo, quando sóbrio, melhor que muitos comandantes.”<sup>158</sup>

Partindo do princípio de que tratamos a obra de Paterculo como uma obra de cunho histórico e que possui características de um manual de conduta do *princeps*, identificamos o elemento positivo a ser exemplificado como sendo Otávio César Augusto, o primeiro *princeps* do Principado Romano. Entretanto, o exemplo positivo geralmente vem acompanhado de um exemplo negativo, ou seja, aquele que não deve ser seguido em absoluto, pois comprometeria a dignidade de um governante. Esse exemplo, como apontamos, recai sobre o antigo triúviro Marco Antônio.

Notavelmente durante a obra de Paterculo, Antônio é visto de uma maneira extremamente negativada. Ainda que o autor reconheça as habilidades políticas e militares do mesmo, sua postura é duramente criticada. Antônio representa claramente uma oposição para a República, de acordo com Veleio, pois não possui o respeito devido às tradições romanas, principalmente após aliar-se com Cleópatra.

Sendo assim Paterculo delineia Antônio como sendo o exemplo negativo e que em absoluto deve ser seguido por aquele que está no poder e almeja uma *auctoritas*. Um dos grandes motivos para essa inimizade entre Antônio e Veleio recai sobre a questão de Cícero. Foi a mando do triúviro que Cícero foi assassinado, pois naquele momento e devido a suas pretensões políticas, o grande orador era uma ameaça. Isso tendo em

---

<sup>158</sup> PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924. Pág. 187  
Tradução: (Tradução Rafaela Trentini)



vista a série de discursos feitos por Cícero contra Antônio, acusando-o de tentar destruir as tradições republicanas. Esses discursos podem ser conferidos na obra *Filípicas* do mesmo autor.

Cícero sendo então um defensor da República apoia, em primeiro momento Otávio com o propósito de restabelecer novamente uma tradição republicana, que estava em dificuldades após a questão com César. E assim fica contra Antônio, que depois de estabelecido o triunvirato, vai exigir a morte de Cícero. Para Paterculo o mundo romano foi privado de uma das maiores mentes e defensoras da república.

Pelo crime de Antônio, quando Cícero foi decapitado, a voz do povo também foi cortada, pois ninguém levantou a mão em defesa do homem que por muitos anos havia defendido os interesses de ambos, do estado e dos cidadãos romanos.<sup>159</sup>

Sobre esse assunto o autor ainda deixa clara a sua opinião sobre o acontecimento “Você não realizou nada Marco Antônio, pela indignação que surge em meu peito me compele a exceder os limites que havia estabelecido em minha narrativa, você não realizou nada”<sup>160</sup>.

Sendo assim observamos uma grande desavença entre ambos, embora Paterculo e Antônio não tenham se conhecido diretamente, assim como também a Cícero. Porém este último torna-se um mestre para Paterculo, como já discutido antes, no que se refere ao estilo histórico de narrativa e de sua objetividade. E, naturalmente, essa desavença influencia no modo como o autor nos apresenta a figura de Marco Antônio.

O triúviro para Paterculo era um indivíduo degenerado, que mesmo sendo um bom general, não tinha dignidade e o considerava um inimigo da República assim como Cícero o fez uma vez. Cabia então a Otávio defender os interesses do povo romano priorizando as tradições republicanas. Sendo assim, Paterculo divide o conflito entre ambos da seguinte maneira:

---

<sup>159</sup> PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924.Pág. 193  
Tradução: (Tradução Rafaela Trentini)

<sup>160</sup> PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924.Pág. 193  
Tradução: (Tradução Rafaela Trentini)

É chegado o dia do grande conflito entre César e Antônio, que levaram as suas tropas e lutaram, um pela segurança e outro pela ruína do mundo.<sup>161</sup>

Paterculo ainda deixa claro que a batalha foi ganha por Otávio muito antes da vitória militar no Ácio, pois segundo o autor – César estava designado a vencer pelas palavras que tem uma maior relevância do que a espada sobre Antônio.<sup>162</sup> O que Paterculo busca apresentar sobre Antônio, constitui-se em uma série de exemplos a respeito dos vícios, que são o contraste das virtudes nesse período. Imaginando-se que para todo bem há um mal equivalente, os romanos também aplicavam esse conceito às virtudes. Nesse sentido um grande homem deveria saber controlar os seus vícios e exercitar as suas virtudes.

Mais uma vez observamos que Paterculo busca, através dos exemplos, demonstrar a Tibério, através da história os exemplos daquilo que deve ou não deve ser feito. Como já foi dito anteriormente, os exemplos de virtudes são vários ao longo da obra, mas a fins comparativos<sup>163</sup> também apresenta os vícios, que são incorporados na figura do triúmviro Marco Antônio.

Entendemos então que Paterculo constrói a imagem de Antônio de modo que ele passa a ser um exemplo, dentro da história, que como já foi discutido, passa a ser um tema oficial, e portanto, de maior confiança, daquilo que jamais deve ser seguido. Enquanto que Augusto torna-se justamente o contrário, o exemplo positivo que pode e deve ser seguido por seus sucessores.

---

<sup>161</sup> PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924.Pág. 229.  
Tradução: (Tradução Rafaela Trentini)

<sup>162</sup> PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924.Pág. 231  
Tradução: (Tradução Rafaela Trentini)

<sup>163</sup> GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007. Pág 415.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destes estudos pode-se concluir que a elaboração de uma imagem confiável e pautada nas virtudes se fazia necessária para aquele momento político na sociedade romana em específico. Pois de acordo com as tradições romanas, os homens políticos deveriam ser virtuosos, e mais do que ser, deveriam demonstrar ser. Sendo assim Augusto utiliza-se de todo um aparato ideológico que permite que essa imagem seja repassada através desta propaganda política. As virtudes políticas, observou-se neste trabalho que tinham papel fundamental na elaboração de uma *auctoritas*, pois o indivíduo político precisava transpassar essa imagem, contando, inclusive com a legitimação de uma tradição fundamentalmente grega, que se inicia com Platão, passa por Aristóteles e acaba ganhando ideias mais práticas em Cícero, justamente durante a época de Augusto. Sendo assim fez-se necessária a elaboração da imagem política do *princeps* a fim de justificar e legitimar o Principado.

Observa-se que a propaganda de sua imagem está voltada principalmente para a *sociedade política*, a qual participava ativamente das questões relativas à política romana, que interferiam na mesma. Sendo então um público geralmente mais letrado, a propaganda mais efetiva está concentrada em obras escritas como no caso da *Eneida*, *Res Gestae*, etc. Ao povo, ele utiliza-se de outros métodos, como espetáculos teatrais e de gladiadores os quais não abordamos nesta investigação por uma questão de falta de tempo.

A imagem de um homem virtuoso, clemente, justo e piedoso, que cuidava de seu povo da maneira com que cuidava de sua família, que possuía virtudes provenientes dos deuses. Mas que principalmente a imagem de um defensor do povo e das tradições, e por consequência, defensor da República romana, alvo de grande orgulho popular em seu momento. O fato da pessoa de Otávio Augusto também estar ligado, através dessa mesma elaboração de sua imagem, ao sagrado, legitima, perante a sociedade a sua ascensão ao poder.

Estas diversas imagens criadas e elaboradas por Octávio Augusto, elaboram e formalizam tanto a sua *auctoritas* como o seu regime político, o Principado Romano. Sendo assim a propaganda política da imagem idealizada de Augusto criada por ele mesmo foi um elemento ímpar em relação a sua importância na elaboração de sua *auctoritas* e de seu sistema de governo.

Com a construção de sua imagem a partir de diversos mecanismos como a poesia, a épica e a história, Augusto consegue a *auctoritas*, torna-se o *princeps* romano com o maior reconhecimento de sua imagem e de suas virtudes, considerado por alguns pensadores romanos como o mais grandioso *princeps*. Desta forma concluímos que a imagem construída era deveras importante naquela sociedade, onde o aparentar ser justificava e legitimava o poder. A imagem, portanto, torna-se o centro da política romana, estando ligada diretamente com a *auctoritas* dos governantes.

Entendo que a construção da imagem no mundo antigo estava inserida com uma grande importância no contexto social, e sendo assim, influenciando diretamente nos assuntos políticos. Deste modo a importância de mecanismos que apresentassem essa imagem e construíssem uma memória eram tão importantes naquele contexto. Otávio Augusto, como já abordamos, inicia essa questão com *Eneida*, e procura depois, ao meu entender, fazer o seu sucessor transferindo a *auctoritas* recebida pelo povo para o seu herdeiro elaborando o seu próprio documento, *Res Gestae*. Essa transferência de *auctoritas* se daria afirmando a sua imagem através de suas ações e também respaldando o seu herdeiro na questão familiar, na apropriação das virtudes augustas confiadas a Tibério.

Nesse sentido observou-se que devido ao conturbado governo de Tibério, seja em relação a sua duvidosa sucessão, ou seja aos intensos conflitos em sua política, a construção de sua imagem se fazia bastante necessária. De acordo com Suetônio, o *princeps* estava pendendo mais para os grandes vícios do que as virtudes de seu antecessor. A *auctoritas* que Augusto pretendia repassar a Tibério teria sido suficiente apenas para a questão sucessória, no entanto, para permanecer no poder, o *princeps* necessitou elaborar uma imagem tal como Augusto já o tinha feito antes.

Sendo assim, concluímos que o patrocínio de Veleio Paterculo, através de Marco Vicíneo proveio de Tibério, a fim de que o mesmo elaborasse uma imagem baseada nas virtudes augustas, e assim, dessa forma, melhorasse a sua imagem perante o povo e a sociedade política romana, as quais estavam bastante insatisfeitas. Entendemos também que a Veleio Paterculo foi encomendada uma obra de cunho histórico, e por isso, repassaria a ideia de uma verdade histórica.

Nesse sentido Paterculo produz uma obra resgatando a história romana a partir dos exemplos, sejam eles positivos ou negativos, ou seja, pautados na questão das virtudes e dos vícios respectivamente. Também concluímos que Paterculo não possuía uma adoração por Tibério, tal como aparece em grande parte da historiografia moderna, mas que sim, faz parte de uma literatura característica de seu momento, e que, portanto, era bajulatória. Então não podemos afirmar que Paterculo, ainda que fazendo parte do meio político dos *princeps* estivesse elaborando uma obra apenas com o intuito de bajular Tibério, visto que o período da produção de sua obra já era um período onde a popularidade e a imagem de Tibério estava bastante desacreditada.

Sua obra está pautada na questão da demonstração dos fatos históricos romanos, daquilo que efetivamente funcionou e que servia para o bem do povo romano, daquilo que era considerado um vício, e portanto só traria resultados negativos para o mesmo. Várias passagens são explicadas ao leitor sobre aquilo que se deveria fazer, baseado naquilo que, por ventura, alguém detentor de virtudes já o fez. Temos como exemplos já citados na obra, Pompeu, Cipião Emiliano e principalmente o próprio Augusto.

Conclui-se que devido a grande semelhança na questão da verdade histórica e também da questão dos exemplos, presente na máxima de Cícero *Historia Magistra Vitae*, o objetivo da obra não era apenas para construir uma imagem perante aos olhos do povo, a fim de que com a verdade implícita pudessem transferir a *auctoritas* de Augusto para Tibério, e que o mesmo, a partir de então, pudesse governar com uma maior legitimidade. O objetivo era, portanto, dirigido, ainda que financiado pelo por ele mesmo, ao próprio Tibério, com o intuito de que o mesmo pudesse aprender com o passado e que a partir de então governasse de uma forma mais virtuosa, com menos vícios, baseado nos exemplos apresentados a Tibério ao longo de sua obra. Entende-se então que essa forma de escrita apresentada por Veleio Paterculo possuiria elementos embrionários dos elementos de príncipes, bastante comuns na medievalidade, ao qual prefiro nomear, para esse contexto histórico em específico de *manual de conduta*, onde é apresentado o que o mesmo deve aprender com os exemplos do passado para que não cometa os mesmos erros e para que aprenda com os acertos.

## ANEXOS

### Tabela de virtudes: Maria Helena da Rocha Pereira

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa.

Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

<i>Pietas</i>	A <i>pietas</i> define-se habitualmente como um sentimento de obrigação para aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos e parentes. Quer dizer, por conseguinte, que liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos pela égide da <i>patria potesta</i> . A <i>pietas</i> alarga-se à divindade.
<i>Gloria</i>	A glória resulta de três condições: ser amado pela multidão; ter a sua confiança ( <i>fides</i> ); ser admirado e digno de honrarias. Assim considerada a <i>gloria</i> é público reconhecimento das qualidades do cidadão.
<i>Mos maiorum</i>	Os romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, <i>mos maiorum</i> .
<i>Auctoritas</i>	É um valor intrínseco que não se exerce pela função, pela persuasão e convicção, mas apenas e somente pelo peso da pessoa ou corporação que toma ou sanciona uma decisão.
<i>Clementia</i>	Termo político especialmente adequado a finalidades de propaganda, goza de uma aura extraordinária no tempo das guerras civis e fica particularmente ligado à figura de César, a quem o Senado honra com um templo dedicado a <i>clementia Caesaris</i> . <i>Clementia</i> é a moderação que perdoa uma parte de uma pena merecida e devida.
<i>Concordia</i>	A <i>concordia</i> é a harmonia de pensar e sentir, conceito já divinizado pelo menos em 400-350 a.C.

<i>Res publica</i>	Tal como a <i>libertas</i> , denotava um reduzido mínimo de direitos políticos, também <i>res publica</i> denotava um reduzido mínimo de organização política.
<i>Virtus</i>	A <i>virtus</i> não está documentado como o estado de ser homem (na maturidade), isto é, não se refere concretamente a uma fase da vida. É ser homem no sentido de ser homem direito. <i>Virtus</i> não é uma qualidade de carácter, mas torna-se compreensível através do modo de actuar que se coaduna com o homem romano.

# MAPAS

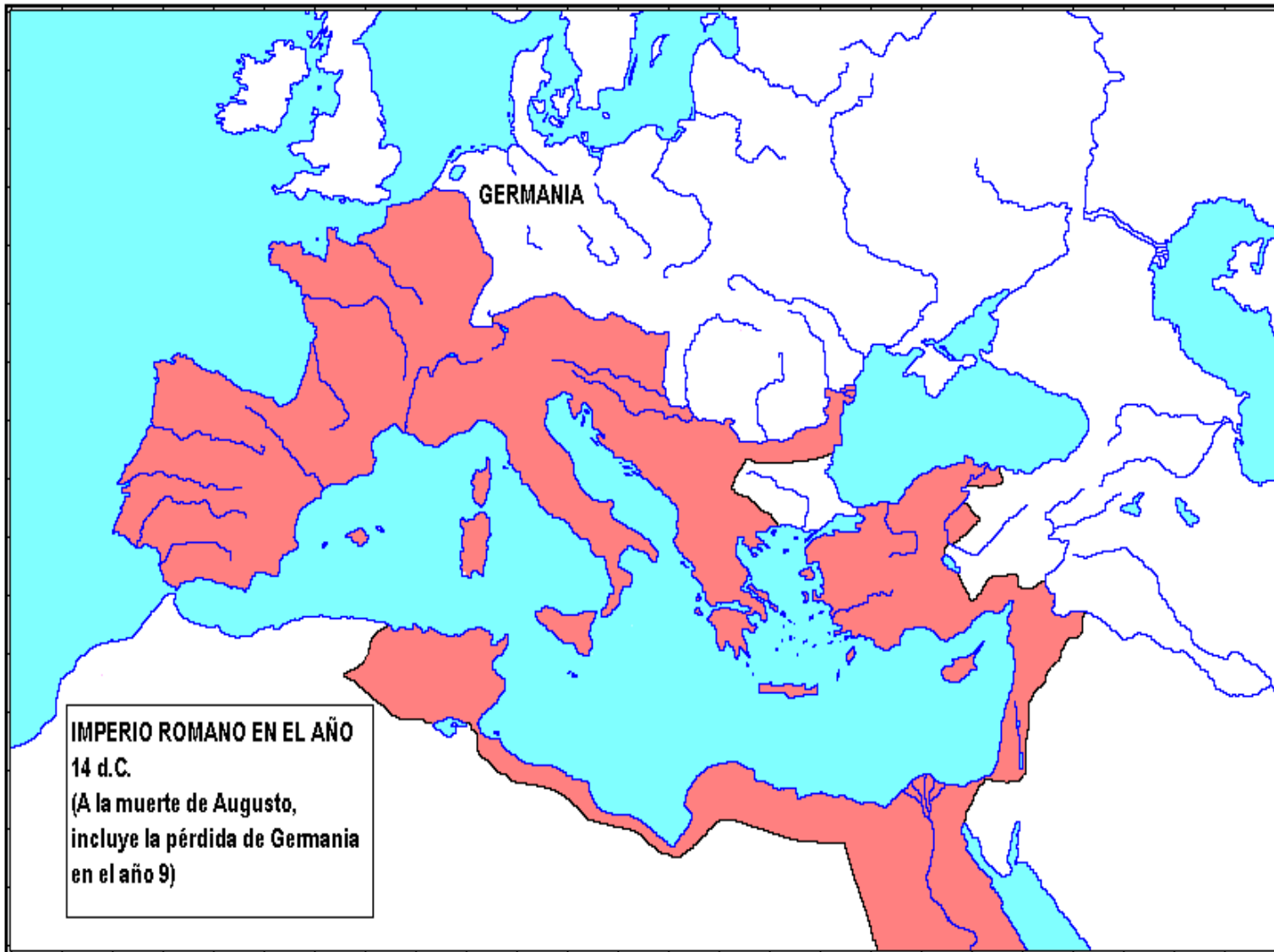
## Território romano na época de Augusto

Disponível em: <http://www.ucm.es/info/antigua/Cartografia/roma4.htm>





## Território romano ao assumir o governo de Tibério Augusto – 14 D.C



Disponível em: <http://socialemoriles.blogspot.com.br/2011/03/tema-0-mapas-de-la-expansion-y.html>

## IMAGENS

### Otávio Augusto

Moeda cunhada com o busto de César Augusto



<http://ancienthistory.about.com/od/emperors/ig/12-Caesars/Augustus.htm>

Estátua que demonstra a imponência da figura de Otávio Augusto como militar e como político.



<http://www.ancient.eu.com/augustus/>

Otávio Augusto utilizando a coroa cívica.



<http://www.ancient.eu.com/augustus/>

### Tibério Augusto

Moedas representando a divindade de Augusto e de Tibério



<http://www.romanemperors.com/augustus.htm>

Representação do busto de Tibério



<http://www.nndb.com/people/932/000087671/>

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes

AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. London. Loeb Classical Library, 1924.

PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924.

SUETÔNIO E AUGUSTO. *A Vida e os feitos do Divino Augusto*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Rio de Janeiro. Editora Presságio, 2002.

VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Nova Cultural, 2003. tradução de Tassilo Orpheu Spalding.

\_\_\_\_\_. *Eneida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Tradução de Vitocorino Barreto Feio e de José Maria da Costa e Silva

\_\_\_\_\_. *Eneida*. Disponível em site: <http://www.thelatinlibrary.com/verg.html>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORASSIN, Maria Luiza. Comentários sobre a *Res Gestae Divi Augusti*. In JOLY.
- BLOCH, March. Apologia da História, o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ERHARDT, Marcos Luis. *Vir Virtutis: A construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Sêneca*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.
- FRAZÃO, Natália José. A construção da imagem do imperador Augusto nas obras de Veleio Paterculo, Plutarco e Suetônio. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual Paulista – Campus Franca. Franca, 2011.
- Fábio Duarte (Org.). *História e Retórica: Ensaio sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.
- FANTHAN, Elaine. Roman Literary Culture: from Cicero to Apuleius. London: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- FINLEY, Moses. *História Antiga*. São Paulo. Martins Fontes, 1994.
- FINLEY, Moses. *Política no Mundo Antigo*. Lisboa: Edições 70: 1997.
- FRIGHETTO, Renan. Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental. Curitiba, Juruá Editora 2002.
- FRIGHETTO, Renan. O Rei e a Lei na *Hispania Visigoda*: Os limites da Autoridade Régia segundo a *Lex Visigothorum, II, I – 8I* de Recesvinto (652-670) In: GUIMARÃES, Marcella Lopes e FRIGHETTO, Renan. *Instituições Poderes e Jurisdições I Seminário Argentina- Brasil – Chile de História Antiga e Medieval*. Curitiba, Editora Juruá, 2007
- GERVÁS, Manuel. *Propaganda Política Y Opinión Pública: em los panegíricos latinos Del Bajo Império*. Salamanca: Universida de Salamanca, 1991
- GOWING, Alain M. *The imperial republic of Velleius Paterculus*. In: MARINCOLA, John. A companion to greek and Roman historiography, vol 1. London: Blacwell Publishing, 2007.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Lisboa: Editora 70, 2008.
- LEGOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

MacMULLEN . *Romanization in the Time of Augustus*. London: Yale University Press/ New Haven & London, 2000.

MARINCOLA, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: The University Press, 1997

MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e SILVA, Gilvan. (org.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória ES: EDUFES, 2006.

MENDES, Norma Musco. *Sistema Político do Império Romano do Ocidente: Um modelo de Colapso*. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Principado. In: MENDES, Norma M. e MILLAR, Fergus. *The Emperor in the Roman World (31 bc-ad 337)*. London: \_\_\_\_\_ . *The Roman Republic and the Augustan Revolution*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2002. Duckworth, 1992.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. São Paulo. Edusc, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1991.

MOMMSEN, Theodore. *História de Roma*. Buenos Aires, Joaquín Gil Editor, 1953.

NICOLET, Claude. *El ciudadano y El político*. In: GIARDINA, Andrea. *El hombre romano*. Madrid: Alianza Editorial, s/d.

PATTERCULO, Velleio. *Historiae Romanae*. London: Loeb Classical Library., 1924.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

PETIT, Paul. *A Paz Romana*. São Paulo. Edusp , 1989.

ROSTOVTZEEF, Mikhael. *História de Roma*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1973.

SALLES, Verónica (org). *Os Historiadores*. São Paulo. Editora Unesp, 2011.

SÁNCHEZ MANZANO, Maira Assunción. Introdução. In: VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

SCULLARD, Howard. *From the Gracchi to Nero- History of Rome 133 BC to AD68*. London. Routledge, 1983, Fifth edition.

SOUZA, Alice Maria. As interpretações de Velleio Paterculo e Apiano de Alexandria sobre Caio Graco e os equestres: Reconstruindo memórias republicanas e alto

imperiais.(II A.C – II D.C). Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Goiana, 2010.

STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps – Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 D.C)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

SUÁRES, Domingo Plácido. *Las formas Del poder personal: la monarquia, la realeza y la tirania*. Revista Gerión, 2007. P. 127-166.

SYME, Ronald. *The Augustan Aristocracy*. Oxford University Press, 1989

THOMAS, Richard. *Virgil and the Augustan Reception*. London. Cambridge University Press, 2001.